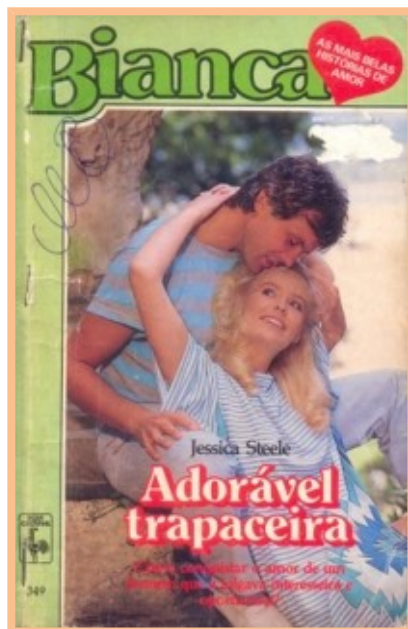


Adorável Trapaceira

Misleading Encounter

Jessica Steele



1986

Ryden teria cedido às exigências do amor?

Jennifer não resistiu à tentação daquela deliciosa banheira. Despiu-se e mergulhou na espuma perfumada, suspirando de prazer. Não queria pensar em nada, não queria se lembrar da confusão em que se metera ao conhecer os dois irmãos, Noel e Ryden, os donos da casa.

Estava quase adormecendo quando um barulho na porta a sobressaltou. Alguém tentava entrar! Qual deles? Noel, o amigo em quem confiava e que lhe conhecia a verdadeira identidade? Ou Ryden... o irresistível Ryden, a quem ela desejava com loucura?

CAPITULO I

A chuva que caíra durante toda a noite havia se transformado pela manhã em uma garoa fina. "Uma boa desculpa para desistir da corrida matinal a que se tinha proposto", Jennifer pensou. Com aquele tempo, e tão cedo, ninguém em seu juízo perfeito estaria acordado. Afinal de contas era seu primeiro dia de férias. Cobriu-se bem



e preparou-se para cochilar mais meia hora.

No entanto, lembrou-se das promessas que fizera a si mesma de que seria mais produtiva, pois precisava aproveitar melhor o tempo. Levantou-se depressa e dez minutos mais tarde, vestida com um agasalho rosa, saiu do chalé. Sentindo-se mais bem disposta a cada passada, concluiu que o sacrifício não tinha sido em vão.

E, enquanto corria, observando as velhas casas, ainda silenciosas, refletia em como os seres humanos podem ser contraditórios. A solidão, que tanto a fizera sofrer quando da morte da Sra. Gemmill, agora cada vez mais lhe dava muito prazer.

Ao lembrar-se da morte da amiga, entristeceu-se. Afinal, a velha senhora fora para ela quase uma mãe.

Voltou o pensamento para quatro anos atrás, antes de se mudar para a casa da vizinha. A Sra. Gemmill gozava então de perfeita saúde e Jennifer, recém-formada em secretariado, havia começado a trabalhar na Fábrica de Porcelanas Laffard. Seus pais eram divorciados e morava com a mãe. O pai, a quem viam poucas vezes, arcava com as despesas do aluguel e sustentava ambas.

A mãe de Jennifer, Daphne Cavendish, era uma mulher atraente e despertava muito interesse nos homens. Mas um desses homens, em particular, Bruce Humphreys, em férias de seu trabalho em Hong Kong, passara a freqüentar a casa. Daphne começou a agir como uma adolescente apaixonada e não foi difícil Jennifer deduzir que o pretendente acabaria por levar a mãe consigo ao voltar para a China.

Quando Daphne voltou para casa com o anel de noivado no dedo e lhe disse que o casamento seria em breve, Jennifer pressentiu que seu futuro já havia sido traçado. Estava certa. Um dia, aproveitando o tempo em que a filha se encontrava no escritório, a Sra. Cavendish teve uma longa conversa com a vizinha.

Ao voltar do trabalho, Jennifer encontrou tudo resolvido. A mãe iniciou o assunto explicando que o contrato de aluguel estava para expirar e que não pretendia renová-lo. O tom da conversa, até então, indicava que iria levá-la para morar com eles na China.

— Acho ótimo, mamãe. A senhora não ia querer ter uma casa aqui e outra em Hong Kong. Seria um desperdício.

— Fico contente que veja a coisa por esse ângulo, querida. Gemmill tinha concordado em acolhê-la como hóspede em troca de um pequeno pagamento. — Aquelas palavras atingiram Jennifer como uma bomba:

— Tenho que morar com a Sra. Gemmill? Por que não posso continuar aqui, nesta casa?

As emoções se misturavam e Jennifer ainda se esforçava para aceitar a idéia de que não havia lugar para ela na nova vida da mãe. De repente, precisaria viver com uma senhora que, embora parecesse ser boa pessoa, era muito velha aos olhos de uma garota de dezessete anos.

— Procure entender, querida. Como já disse, não quero renovar o contrato. Além do mais, não me agrada a idéia de você morar sozinha.

Jennifer se conformou um pouco ao ver que a mãe ainda se preocupava com ela.

— Não tem problema, ficarei bem. Posso...

Foi interrompida:

— De qualquer forma, mesmo que a imobiliária permitisse a uma garota de sua idade renovar um contrato de aluguel, o que duvido, você nunca seria capaz de mantê-lo com o que ganha.

A mãe dizia a verdade. O salário era baixo, compatível com o cargo de recém-formada, que Jennifer ocupava. Contudo, não se deu por vencida. No dia seguinte percorreu várias imobiliárias para saber que tipo de apartamento tinha condições de pagar. Foi frustrante admitir que mesmo os menores estavam muito acima de suas posses. Não encontrou outra alternativa senão morar com a Sra. Gemmill.

Mas se no começo havia a intenção de se mudar assim que recebesse um aumento, em pouco tempo mudou de idéia. A senhoria, jovem de espírito e muito inteligente, provou ser ótima companheira e a diferença de idade foi logo esquecida.

Quando a Sra. Gemmill ficou doente e já não possuía forças para andar, Jennifer comprou um carro.

E era esse mesmo carro o responsável pelas suas atuais dificuldades financeiras, lembrou ao avistar a praça do vilarejo onde morava. Naquela sexta-feira, justo na véspera de uma viagem tão esperada, ele a tinha deixado na mão, e precisaria dispor de uma fortuna para consertá-lo. Por isso, fora necessário adiar mais uma vez as merecidas férias, as quais já vinham sendo proteladas desde que o estado de saúde da companheira havia se agravado.

Recordou-se de como tinha ficado esgotada física e emocionalmente pelas sucessivas vigílias e pelo medo constante de que a Sra. Gemmill não sobrevivesse mais um dia.

Não desejava ao pior inimigo as horas que passara quando seus temores se confirmaram e a amiga faleceu. Não gostava nem de se lembrar de quando os parentes,

nunca vistos antes, apareceram para reclamar seus direitos.

Enojada com tudo aquilo, decidira mudar-se o mais rápido possível. De início, a oferta dos corretores de um chalé em Surrey, perto de Hampshire, não lhe parecera boa idéia. Precisaria viajar quase dez quilômetros diariamente, de casa para o trabalho. Mas assim mesmo fora vê-lo, pois se sentia ansiosa para se mudar.

Apaixonara-se pelo local. O charme da antiga vila de Stanton Verney a havia impressionado tanto, que o empecilho da viagem parecera um preço baixo a pagar pelo prazer de morar lá.

A mudança tinha lhe custado quase todas as economias, pois se vira obrigada a comprar móveis e um sem-número de outras pequenas coisas. O dinheiro que economizara por não ter saído de férias quando a Sra. Gemmill havia adoecido, fora então providencial.

Agora, a situação se repetia.

O conserto do carro iria deixá-la a zero e mais uma vez lá se ia o dinheiro do tão merecido descanso.

Pensando no carro, ou melhor, na falta dele, visto que só ficaria pronto no dia seguinte, terça-feira, chegou à pracinha. Pretendia completar apenas um circuito, voltar para casa e tomar um bom banho.

Apesar de morar ali há menos de um mês, já tivera tempo suficiente para conhecer os costumes da zelosa Sociedade de Preservação dos Jardins da Vila. Por essa razão, tentou evitar pisar na grama.

Os pensamentos vagaram para quando o carro havia enguiçado no meio da estrada e dois *punks* a ajudaram a tirá-lo de lá. Sorriu ao pensar naqueles rapazes de cabelos verdes. A imagem da estranha vestimenta de um deles foi de súbito interrompida. Não podia crer no que seus olhos viam: alguém, que na certa nunca ouvira falar dos defensores da natureza do local, tinha estacionado bem no meio do gramado.

Imaginando o perigo que o proprietário corria se não removesse o veículo antes que os moradores acordassem, Jennifer se aproximou.

Pôde notar então que a situação era pior do que pensava. O automóvel tinha derrapado na curva, saído da estrada e patinado na grama até parar, levando consigo todas as flores que encontrou.

Olhou dentro do veículo e se assustou: havia um homem caído sobre a direção.

Com os olhos fixos nele foi até a janela para ver melhor. Ele se encontrava imóvel,

porém não parecia ferido.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha: o estranho teria escolhido a vila de Stanton para se suicidar?

Temendo estar certa, bateu no vidro com força. Como não obtivesse resposta, não encontrou outra saída senão abrir a porta e torcer para que o corpo não caísse sobre ela.

Ainda estava com a mão na maçaneta quando o braço do homem pareceu se mexer. No banco ao lado do motorista, viu uma garrafa de uísque vazia.

O desconhecido estava embriagado e não morto.

Respirou aliviada e deu um passo para trás. Encontrava-se disposta a tomar todas as providências, caso estivesse morto ou doente, mas quando o outro braço se moveu, Jennifer decidiu que ele podia se arranjar sozinho e continuou a corrida.

Porém, quase chegando em casa, não pôde evitar uma leve apreensão pelo destino do pobre homem.

Dentro em pouco todo o vilarejo estaria em pé e talvez ele ainda estivesse lá. Lembrou-se das marcas dos pneus e pensou que se a multa era enorme por jogar um papel no chão, o escândalo que fariam por todo aquele estrago seria incalculável. No mínimo, chamariam a polícia e o prenderiam antes que pudesse dizer uma palavra sequer.

Contrariando seus hábitos, resolveu dar mais uma volta.

Enquanto corria, imaginou que ele pudesse estar embriagado por ter discutido com a esposa e que, na certa, no estado em que se encontrava, a carteira de motorista seria apreendida. Na certa deveria ser pai de dois ou três filhos.

Pelo número da chapa viu que o carro era novo, o que a fez pensar que o dono se encontrava em boas condições financeiras. Se ele precisasse do carro para trabalhar, tanto quanto ela própria, a perda da licença para dirigir poderia significar também a perda do emprego.

Num impulso, resolveu ajudá-lo e se aproximou do carro novamente.

Ficou ali parada, indecisa, sem saber ao certo o que fazer. Então, lembrou-se de como os *punks* haviam sido tão atenciosos com ela, ajudando-a mesmo sem conhecê-la. Não custava nada agir da mesma forma com o estranho. Mesmo que fosse um alcoólatra, precisava de solidariedade.

Jennifer sabia que precisava agir com rapidez, não havia tempo a perder. Ao abrir a porta, o bafo de álcool lhe causou náuseas, mas se controlou e sacudiu-o pela manga do pulôver:

— Acorde! Acorde!

Ele nem se mexeu, dormia um sono pesado. Ficou nervosa só em pensar que ainda estaria ali quando os 'vigilantes' chegassem para tomar satisfações. Por fim, tentou empurrá-lo e ficou satisfeita ao ver que reagia. Mas logo ele se imobilizou de novo. "Pelo jeito, a tarefa a que me propus será bastante difícil", ela pensou aflita.

Para não se meter em encrencas, mais uma vez teve vontade de deixá-lo ali. Porém, a consciência falou mais alto.

Estava a ponto de desistir quando, depois de muito esforço, conseguiu tomar a direção. A sorte parecia ajudá-la, pois o carro não havia sofrido muitos danos.

Lentamente deu marcha à ré e, uma vez no asfalto, saiu em disparada. Após considerar várias alternativas, chegou à conclusão de que o único lugar seguro para esconder o "criminoso" seria seu chalé. Afinal, para que servia uma garagem vazia?

Antes de guardar o carro, entretanto, achou melhor levar o "hóspede" para dentro de casa. Foi mais fácil do que pensou, pois talvez devido ao movimento do carro, o homem acordou. Ainda que não fosse capaz de falar, estava sóbrio o suficiente para perceber que ela queria que andasse.

Com dificuldade, quase caindo, conseguiu levá-lo até a porta.

Então o arrastou para o sofá, colocando uma almofada sob sua cabeça. Em seguida, apressou-se em colocar o carro na garagem. Ao voltar para o chalé achou que não haveria perigo em deixar o "hóspede" sozinho por algum tempo. Subiu as escadas e tomou um banho, o mais rápido que pôde, lavou os longos cabelos loiros e sentiu-se renovada. Ao voltar à sala encontrou-o ainda deitado, mas com os olhos injetados fixos nela.

— Em resposta a sua pergunta, está em um chalé em Stanton Verney e acabou de ser salvo de um triste fim — adiantou-se, vendo que ele não tinha forças para falar.

Embora não se lembrasse de tê-lo visto antes, percebeu que o estranho reagiu à menção do nome do lugar.

— Mora por aqui? — O homem pareceu não entender, visto que não respondeu. — Sou Jennifer Cavendish. Acho que precisa de um café...

Já quase na cozinha, ouviu-lhe a voz rouca e educada:

— Por acaso teria uma... aspirina?

Jennifer dissolveu duas em um copo de água e levou para o "hóspede". Em seguida voltou à cozinha para pôr a chaleira no fogo. Café preto era o melhor remédio para ressaca. Decidiu acompanhá-lo em uma xícara e pegou o leite em pó na despensa.

Nesse momento lamentou que sua próxima aquisição, uma geladeira nova, tivesse que esperar até que as finanças se recuperassem do gasto com a oficina mecânica.

Quando voltou com a bebida, encontrou-o quase completamente sentado. Pôde notar que a voz já não estava tão rouca quando ele respondeu, como se acabasse de ouvir a pergunta:

— Minha família mora em Comberford, Broadhurst Hall.

Referia-se a um vilarejo, distante uns três quilômetros dali.

Penalizada pela aparência de profunda tristeza que ele demonstrava, tentou animá-lo:

— Até que faltou pouco para você chegar lá.

O homem continuou cabisbaixo, sem achar graça.

Jennifer sentou e observou-o. Parecia inofensivo e deveria ter uns vinte e cinco anos. Viu que estremecia ao menor movimento e ao sorver um gole de café falou:

— Meu Deus, que dor de cabeça!

— Calma, a aspirina logo fará efeito. Você não queria tomar uma garrafa inteira de uísque e sair ileso, não é? Se é que aquela que vi estava cheia, quando começou a beber.

— Onde me encontrou?

— No carro, mas escolheu muito mal o lugar onde o estacionou. — Ele pareceu não entender. — Fez um belo estrago no que se pode chamar de "solo sagrado": o gramado da vila. Os membros da Sociedade de Preservação dos Jardins teriam linchado você, caso eu não o encontrasse antes.

— Ah! Então seria esse o meu triste fim?

Jennifer assentiu com a cabeça e notou que ele começava a raciocinar com mais clareza.

O homem deu os últimos goles e entregou-lhe a xícara:

— Será que posso tomar mais um pouco?

Meia hora mais tarde, Noel Kilbane, era esse o nome dele, tinha melhorado bastante mas ainda mantinha a mesma expressão de infelicidade. Agradeceu por Jennifer tê-lo salvo da possível confusão, desculpando-se pelo estado lamentável em que se encontrava. Explicou então que raramente bebia, mas naquele dia havia precisado de uns drinques.

Era óbvio que não tinha sido só uns drinques e que o motivo da bebedeira continuava a torturá-lo. Ela se lembrou de que a família de Noel poderia estar preocupada:

— Não gostaria de avisar sua esposa?

— Não sou casado... e acho que nunca serei.

Deu um suspiro ao pronunciar estas palavras e Jennifer percebeu o quanto era profunda sua mágoa. Viu que ele se controlava para não chorar. De repente, como se não pudesse mais sufocar tanta dor, Noel começou a falar, com a voz sofrida. E foi então que ela descobriu a causa de toda aquela tristeza.

Ele e a namorada, a quem chamava de Gypsy, tinham passado um fim de semana maravilhoso. Fora tudo tão fantástico que ao levá-la para casa, um apartamento em Crawley, achara a ocasião propícia para pedi-la em casamento. Estava enganado. Ficara de tal forma surpreso e inconformado por receber um não como resposta que, de tanto insistir, havia causado a maior discussão.

— Sinto muito — Jennifer confortou, mesmo ciente de que nada lhe atenuaria a angústia. — Agora entendo por que precisava daquele drinque.

— Bebi a noite inteira e, quando o bar fechou, comprei uma garrafa. Quando perdi a direção, indo parar no acostamento, resolvi ficar ali mesmo, já que não queria que meus pais me vissem naquele estado. Sabe, meu pai sofreu um enfarte e Ryden não quer que nada o aborreça. Acho que devo ter apagado, pois não me lembro de mais nada.

Ficaram em silêncio por alguns instantes, mas Jennifer logo desviou-lhe os pensamentos:

— Ryden é o médico de seu pai?

Noel negou com um gesto de cabeça e estremeceu. Via-se que a dor não havia passado.

— É meu irmão. Está nos Estados Unidos agora.

Ela percebeu não ter conseguido seu intento de distraí-lo, pois o assunto voltou à namorada:

— Quando Gypsy me jogou na cara que nunca se casaria com um simples sócio minoritário, dei-me conta de ter elogiado demais as qualidades de meu irmão. Embora ela não o conheça, pois não tive oportunidade de apresentá-la a ninguém de minha família, é óbvio que estará muito mais interessada nele do que em mim.

Pelo visto a briga tinha sido feia. Jennifer tentou mudar de assunto mais uma vez:

— Você é sócio de que firma?

— Da Kilbane Electronics.

O nome lhe parecia familiar. Ela acabou se lembrando de que era ramo de microcomputadores. Nesse ínterim, Noel já tinha voltado a falar da namorada:

— Ela teve a coragem de dizer que eu só ocupava o cargo de vendas porque era irmão do chefe. Acontece que sei que sou bom no que faço.

Jennifer viu que ele estava com o orgulho ferido e tentou atenuar:

— Não creio que ela quisesse dizer isso. Aposto como Gypsy já se arrependeu da metade do que disse.

— Gostaria que fosse verdade. Ainda me acusou de ser imaturo e afirmou que nunca mais queria me ver. Disse também que se um dia se casasse, seria com um alto executivo e não com um João-ninguém.

Ela percebeu que não conseguiria fazê-lo pensar em outra coisa. Não sabia mais o que dizer. De repente, Noel caiu em si e, demonstrando estar envergonhado, esboçou um sorriso.

— Sou um chato, não? Fico falando tanto e ainda nem sei o seu nome.

— Meu nome é Jennifer e você não está me chateando, certo?

— Desculpe. Em geral é Ry quem procuro quando tenho problemas, mas...

— Não se preocupe, não está me incomodando. Além do mais, me ajudou a esquecer minhas próprias preocupações.

— Também tem problemas com a vida amorosa?

Na verdade, a "vida amorosa" de Jennifer não existia. Alguns rapazes ainda a convidavam para sair quando a Sra. Gemmill adoecera, no entanto, como nenhum deles a interessasse, não se incomodou em rejeitá-los para cuidar de uma pessoa que lhe era tão querida.

— Não, não se trata disso. Tive problemas com meu carro. — E contou-lhe toda a história.

— Por falar nisso, onde guardou o meu? Algo me diz que não ficou lá fora.

— Escondi na garagem. Acho que agora você já está em condições de dirigir. — Jennifer pegou as chaves na estante e entregou-as.

— Já tomei muito do seu tempo. — Noel fez menção de se levantar.

— Não precisa se apressar. Hoje é meu primeiro dia de férias e não tenho nada de importante para fazer.

— Bem... — Ele olhou o relógio: — Meu Deus! Devia estar em um avião a esta hora.

— Também tirou férias?

— Infelizmente não. Tenho que trabalhar em Paris, onde há uma feira de informática. Acho que se correr ainda pego o voo da tarde. Contanto que esteja lá para a

inauguração, amanhã ... — A voz foi sumindo e a fisionomia de Noel voltou a mostrar sinais de tristeza.

— Ainda tem tempo para mais uma xícara? — Jennifer ofereceu prontamente.

— Desculpe. É que me lembrei de que foi em uma feira que a conheci. Gypsy é promotora de vendas.

— Talvez fique tudo bem entre vocês — ela tranqüilizou-o, certa de que ele perdera todas as esperanças.

— Então, onde vai passar as férias? Acho que mencionou que seu carro fica pronto amanhã, não? — Noel se esforçava para não se deixar abater.

— É, foi o que eu disse. Mas acho que ficarei aqui mesmo. — Não quis entrar em detalhes sobre a situação financeira. — Pensando bem, talvez eu faça uma pequena viagem. Mas se o tempo continuar como está, volto da praia enferrujada em vez de bronzeada.

Noel sorriu e olhou para as chaves na mão. Depois, como se tivesse tido uma idéia, perguntou:

— A decisão de ir para a praia é definitiva?

— Não necessariamente. Só pensei em fazer algo diferente...

— Costuma ir à Capital?

— Londres? Nem me lembro da última vez que estive lá.

— Então seria uma boa opção para sair da rotina, não acha? Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Noel separou uma chave e lhe entregou:

— Meu irmão e eu temos um apartamento onde ficamos durante a semana. Pode passar as férias lá.

— Não posso aceitar!

— Claro que pode. A geladeira está cheia e o apartamento pronto para ser usado.

— Mas você nem me conhece direito.

— Aceite, Jennifer. Deixe-me retribuir o que fez por mim. Além do mais, o apartamento estará vazio. Ryden só volta no final da semana que vem e, eu, daqui a quinze dias. Como vê, será todo seu.

Ela precisava admitir que a idéia de passar uns dias em Londres era bastante agradável. No entanto, não achava direito, não o ajudara esperando retribuições.

— Não, obrigada — recusou com firmeza para que ele entendesse que era caso encerrado e correu para a cozinha antes que fraquejasse. — Vou preparar o café que lhe ofereci.

Sentiu-se aliviada quando, ao voltar à sala, Noel não insistiu mais no assunto. Ele não se demorou. Depois de tomar o café apressou-se para não perder o outro vôo.

Jennifer ainda ria ao retornar à sala. Pareciam dois ladrões quando, furtivos, tiraram o carro da garagem.

O fato de Noel estar tão alegre ao partir, a tinha deixado satisfeita. Instintivamente, abaixou-se para pegar uma almofada caída no tapete e descobriu o motivo de tanta animação do rapaz. Embaixo dela estava a chave, acompanhada de um bilhete em que constava um endereço em Londres e as seguintes palavras: "Por favor, aceite. Atos de generosidade devem ser recompensados".

O ímpeto inicial foi de remetê-la pelo primeiro correio que encontrasse, mas como Noel estaria fora da Inglaterra pelas duas próximas semanas, não se apressou. Além do mais, com o tumulto que na certa acontecia lá fora, algum morador talvez lhe quisesse perguntar o que sabia a respeito daquelas marcas de pneus. Adiou a entrega até que o caso esfriasse.

Assim, na terça-feira a chave ainda se encontrava em seu poder.

Naquela manhã, como sempre fazia, Jennifer saiu despreocupada para a corrida matinal. Era ótimo poder se exercitar, enquanto todos ainda dormiam.

Ao voltar para casa, mais do que nunca sentiu falta da velha companheira. Não tinha nada para fazer e o tédio a atormentava. Por um momento, considerou a possibilidade de usar a chave que Noel havia deixado. Mas logo voltou atrás, achando que se sentiria melhor quando o carro voltasse do conserto.

Foi dormir na ilusão de que acordaria melhor. Porém, na manhã seguinte, a sensação opressiva continuava, e Jennifer viu que não tinha outra opção a não ser rever a velha e querida Londres.

Jennifer ainda hesitou por algum tempo até que, às cinco da tarde, estacionou o carro em frente ao endereço que Noel lhe dera. Observou o prédio e depois, enchendo-se de coragem, tomou o elevador e procurou pelo apartamento no andar indicado.

Uma vez lá dentro, todas as dúvidas e apreensões se dissiparam e só pensou em descansar e se preparar para um dia cheio de atividades.

Notou que a decoração era discreta, bem masculina. Havia dois quartos, e Jennifer optou pelo que tinha um livro de *marketing* na cabeceira, que deveria ser o de Noel. Já que fora convidada por ele, nada mais lógico que ocupar seu aposento.

Após uma refeição leve, lavou os pratos e preparou a mesa do café, pois não queria perder um minuto sequer da manhã seguinte. Depois de um banho demorado

resolveu ir direto para a cama. O último pensamento que lhe veio à cabeça antes de apagar a luz foi que, finalmente, poderia aproveitar cada segundo de suas férias.

Não sabia o quanto havia dormido antes de ser acordada por um barulho forte.

Acalmou-se achando que ruídos eram normais em prédios de apartamento. De repente, deu um pulo na cama. Desta vez tinha ouvido, alto e claro, o som de passos!

O coração disparou. Na certa, algum ladrão informado de que os donos se encontravam ausentes, aproveitava para fazer uma limpeza.

Nesse instante, paralisada pelo medo, notou que a porta se abria e, no momento seguinte, a luz se acendeu.

Tremendo, os olhos verdes arregalados, Jennifer viu à sua frente um homem alto, de cabelos escuros, trajando terno.

De tão assustada nem pensou que estava bem vestido demais para ser ladrão. Por sua vez, ele a observava com a sobrancelha erguida, detendo-se na camisola transparente e nos longos cabelos loiros despenteados:

— O que faz nesta cama, mocinha? Ou melhor, como entrou aqui?

CAPÍTULO II

Aquelas palavras deixaram Jennifer mais tranqüila. Ao que tudo indicava, o desconhecido não era um assaltante. Mas, pela forma como havia formulado a pergunta, ela pensou ter escolhido a cama errada.

— Este quarto é seu? — A voz soou um tanto desafinada, o que sempre acontecia quando ela ficava nervosa.

— Na verdade, é do meu irmão. — Ele esclareceu em tom frio e calmo, sem tirar os olhos dela. — Mas insisto na pergunta: como entrou aqui?

Agora não havia dúvida, aquele era o irmão de Noel, que se supunha estar nos Estados Unidos. Ele tinha razões para estranhar sua presença ali, mas logo entenderia. Bastava que lhe contasse toda a história. Talvez, quando estivesse a par de tudo, até insistisse para ela ficar. Porém Jennifer já havia decidido que iria embora na manhã seguinte. Sorriu tentando ser simpática.

— Você deve ser Ryden. Noel disse que você só voltaria na semana que vem. — Pelo modo como ele a olhou, Jennifer logo viu que havia dito algo errado. Tentou consertar: — Bem, como Noel ia para Paris e... antes de ele sair da minha casa para o aeroporto... De qualquer forma, encontrei a chave do apartamento debaixo...

Não pôde continuar, pois a voz dele irrompeu como um trovão:

— Que ousadia!

— O quê? — balbuciou atônita.

— Tem dez minutos para arrumar suas coisas e se retirar daqui.

— Deixe-me explicar melhor. É que Noel... — Não podia acreditar, Ryden Kilbane a enxotava àquela hora da noite!

— Não precisa, já entendi tudo. Você deve ter vindo a Londres para alguma feira. Mas não pense que vai economizar seu rico dinheirinho, aproveitando-se de casa e comida grátis. A festa acabou.

Agora começava a compreender, ele a confundia com a namorada de Noel.

Porém, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Ryden já fazia um gesto de impaciência, indicando que falava sério. Jennifer tentou concatenar as idéias para encontrar um meio de dizer-lhe que, até aquela segunda-feira, não conhecia Noel. De repente, se viu arrancada da cama por aqueles braços firmes. Pega de surpresa, perdeu o equilíbrio e, ao ser colocada no chão, caiu em cima dele.

No primeiro momento, ao sentir o contato do corpo dela, Ryden ficou petrificado, mas em seguida a empurrou com fúria.

Não era justo. Aquele imbecil não lhe dava a mínima chance de esclarecer o mal-entendido. A raiva se misturava com a frustração de perceber que ele a julgava uma aproveitadora.

Ryden dirigiu os olhos cinzentos para onde a camisola deixava transparecer o contorno dos seios e pronunciou as palavras com desprezo:

— Este sócio majoritário não está nem um pouco interessado no que tem a oferecer, garota. Se não estiver pronta em dez minutos, vai sair desse jeito mesmo.

Ela ficou furiosa, mas não teve tempo de revidar. Ele já havia saído e batido a porta.

Por alguns segundos não pôde fazer nada senão dizer alguns impropérios, entretanto, como não queria ficar ali nem mais um minuto, vestiu-se correndo e começou a arrumar a mala. Aos poucos foi se acalmando e passou a ver a situação com mais clareza. Não existia dúvida de que os irmãos haviam conversado depois que Noel partira de Stanton Varney. A menção ao "sócio majoritário" era uma prova. Além do mais, sendo Ryden o confidente do irmão, devia estar a par da discussão nos mínimos detalhes. Lembrou-se então de como Noel ficara deprimido e desculpou a atitude de Ryden. Se, durante a conversa, Noel deixara transparecer o quanto se sentia magoado, seria compreensível que Ryden Kilbane estivesse fora de si ao encontrar em seu

apartamento a causadora de tanta angústia.

O fato de ter se enganado de pessoa também era de se esperar, pois Gypsy nunca havia sido apresentada a ninguém da família.

Uma coisa parecia certa: Ryden gostava muito do irmão e quem o ofendesse receberia o troco. Jennifer estava aprendendo isso por experiência própria.

Todavia, a idéia de ser confundida com uma garota tão frívola quanto Gypsy não lhe agradava e tentou imaginar uma forma de esclarecer o engano. Na certa, Noel ficara muito entretido contando seus problemas, esquecendo-se de mencionar que lhe havia dado a chave do apartamento.

A porta se abriu abruptamente, interrompendo-lhe os pensamentos. Só pela expressão do rosto de Ryden viu que não conseguiria alcançar seu intento. Ele lhe estendeu a mão:

— A chave!

Jennifer a procurou no fundo da bolsa e, sem dizer uma palavra, entregou-a. Era muita humilhação! Empinou o nariz e retirou-se altiva. Tinha andado até o meio da sala, quando se virou e viu Ryden na porta do outro quarto, satisfeito.

— É uma pena que, quando conversaram, Noel não lhe tenha dito...

— Quer fazer o favor de sair? Estou esperando.

Jennifer preparou-se para revidar. Entretanto, enterneceu-se ao lembrar de como Ryden tinha cuidados com o pai, que se encontrava doente. Também havia aprendido a ter muito carinho pelos mais velhos depois de morar com a Sra. Gemmill.

— Quando falou com seu irmão, teve notícias do seu pai? Ele... — Não conseguiu continuar, acuada pelo ódio que viu brotar naqueles olhos cinzentos.

— Cale-se e vá embora, já!

Jennifer não esperou mais. Teve a impressão de que se demorasse mais um minuto seria atirada pela janela. Já tinha chegado à porta, quando decidiu que não deixaria a situação passar em brancas nuvens.

— Terei o maior prazer, assim não serei mais obrigada a olhar para sua cara.

Ryden deu-lhe as costas, apagou todas as luzes e entrou no quarto. Meio desorientada, Jennifer tateou a procura da mala e aconteceu o pior: a sacola despencou-lhe do ombro. Tentou se equilibrar, mas foi em vão. De repente levou um tombo enorme.

Ao cair, empurrou a porta, que bateu com um estrondo, abafando-lhe o grito de dor e fazendo parecer que alguém saíra furioso. No entanto, ela ainda estava lá,

estatelada no tapete e machucada. Não precisou de muito tempo para sentir que havia sido grave, pois a dor se tornava cada vez mais insuportável. Tentou ficar em pé para acender a luz, mas foi pior. Precisou se controlar para não gritar. Sabia que necessitava de ajuda. Contudo, indefesa, nem pensou em chamar Ryden.

Precisava encontrar outra saída. Nesse momento, ocorreu-lhe que se conseguisse se arrastar até o outro quarto, poderia alcançar o abajur da mesa-de-cabeceira e só assim veria o que tinha acontecido com a perna. E foi o que fez, guiando-se pelo facho de luz vindo por baixo da porta do "inimigo". Odiava-o a cada movimento, quando ondas de suor percorriam-lhe o corpo.

Levou muito tempo para refazer o percurso que tinha acabado de completar em segundos, mas, enfim conseguiu.

Exausta e banhada de suor, esforçava-se para recobrar as energias. Então, livrou-se da calça e pôde ver a extensão dos danos. Embora não fosse capaz de mexer a perna e o joelho estivesse muito inchado, não parecia ter fraturado nada.

Quase desmaiou ao tentar subir na cama e esteve muito perto de gritar por socorro. Ryden ia ter uma boa surpresa. Não só continuava no apartamento como também, se quisesse se ver livre dela, teria ele próprio que levá-la para casa. Não conseguiria andar e muito menos dirigir.

As horas seguintes foram as piores de sua vida. Sabia que uma boa compressa aliviaria a dor, mas tinha certeza de que não seria capaz de chegar à cozinha. Percebeu que devia estar em choque, pois suava frio. Cobriu-se bem e, quando o sol dava os primeiros sinais de vida, adormeceu.

Algum tempo depois, despertou sentindo dor. Ouviu alguém se movimentando e tentou achar um meio de comunicar que ainda se encontrava lá. Não foi preciso. Pelo vão da porta que deixara aberta, pôde ver Ryden em um robe atoalhado, deparando-se com a mala da qual pensava já ter se livrado.

— Então ela teve a coragem?!

Ele entrou no quarto como uma bala e levantou-a no ar. Desta vez pretendia só largá-la na rua. Jennifer gritou desesperada:

— Pare! Meu joelho está machucado!

Ryden a olhou com desprezo, demonstrando que não seria enganado com tanta facilidade. Porém, ao notar-lhe a palidez, conteve-se.

— É verdade, torci a perna! — ela disse depressa. Devagar ele baixou os olhos e constatou o inchaço do joelho.

Não pôde evitar um olhar malicioso para as longas pernas de Jennifer, que se encontravam à mostra.

— Como foi que...

Ela sentiu o sangue ferver. Dali a pouco, pensou, ele também a acusaria de ter caído de propósito.

— Foi tudo culpa sua. Se tivesse esperado um minuto para apagar a luz eu não teria tropeçado.

— Como conseguiu chegar até aqui? — Embora a colocasse na cama com mais cuidado, Ryden não manifestou a mínima compaixão. — Por que não me acordou?

— Em resposta à primeira pergunta, com dificuldade. Em resposta à segunda, achei que iria ficar mais furioso ainda ao ver que eu tinha tido a ousadia de me acidentiar em sua propriedade.

Vendo a forma como ele continuava a olhar para suas pernas, Jennifer se deu conta de que se encontrava quase sem roupa e tentou se cobrir. Ryden se sentiu agredido com aquele gesto, o que piorou ainda mais o clima entre eles.

— Não consigo andar — ela tentou consertar.

— Ótimo, assim ficará longe de encrencas.

Nesse momento, Jennifer fez um movimento brusco com a perna e os olhos se encheram de lágrimas. Por um instante pensou que não fosse suportar e que, por ironia do destino, fosse começar a chorar em frente ao inimigo. Travou uma batalha consigo mesma para não lhe dar esse gostinho e, quando falou, a voz ainda soou trêmula:

— Será que tem um analgésico nesta casa?

— Dói muito?

— Para sua alegria, sim!

Ele se levantou para buscar o remédio, mas parou para apanhar a calça que ela havia jogado no chão, colocando-a sobre a cadeira.

— Conheço um médico que mora no prédio. É melhor falar com ele antes, não acha?

Àquela altura dos acontecimentos, tudo o que ela queria era algo que lhe aliviasse a dor, pouco importando de quem viesse. Alguns minutos se passaram entre o tempo de ele sair do quarto, falar com uma pessoa ao telefone, barbear-se e voltar trazendo chá quente.

— Quer açúcar?

Jennifer negou com um gesto de cabeça e sentou-se com dificuldade para receber a

xícara. Vendo que Ryden nem fazia menção para ajudá-la, lembrou-se de como ficara enojado ao tocá-la e achou que tentava evitar uma segunda aproximação.

Teve um impulso de contar-lhe que não era quem ele pensava que fosse. No entanto, descobriu que os últimos acontecimentos haviam feito brotar uma sede de vingança tão grande que até lhe assustava. Ia dar o troco àquele arrogante, ele que esperasse!

Ryden mencionou que o médico queria saber o nome da paciente. Ela viu uma boa oportunidade de provocá-lo:

— Pensei que já soubesse de tudo. Não me diga que deixou passar alguma coisa? Para sua surpresa, ele não revidou.

— Só sei que seu apelido é Gypsy, mas me recuso a chamá-la por esse nome.

— Meu nome é Jennifer Cavendish. Para você, srta. Cavendish.

Ainda reinava a hostilidade entre eles, quando a campainha tocou anunciando a chegada do Dr. Oliphant. Ryden o levou até o quarto e saiu.

O médico examinou com cuidado o local da torção, mas mesmo assim Jennifer teve que conter um grito. Ele a acalmou com jeito e, depois de algum tempo, concluiu:

— Não tem nada quebrado, mas vai tem que imobilizar a perna para ficar boa logo. — Enquanto recolocava as cobertas, o médico notou como Jennifer estava abatida. — Conseguiu dormir esta noite?

— Um pouco.

— Parece que não foi o suficiente — concluiu ele, entregando-lhe um vidrinho de comprimidos. — Tome dois destes cada oito horas. — Colocou o frasco na mesa-de-cabeceira e encaminhou-se para a porta.

Jennifer agradeceu e o médico saiu, deixando-a mais animada, na expectativa de que a pílula logo fizesse efeito.

Ainda pôde ouvi-lo dizer a Ryden que o caso não era grave, mas que o inchaço levaria uns dias para ceder. Portanto, não se surpreendeu ao ver o dono do apartamento entrar com sua bagagem nas mãos.

Por mais contrariado que estivesse, não precisava ser tão perverso a ponto de colocar os pertences de Jennifer onde não os pudesse alcançar.

— Se fizer o favor de me dar minhas coisas, poderei vestir uma saia para ir embora. — Estupefata, viu-o mexer em sua mala e jogar-lhe uma peça de roupa. — Eu disse saia! Não costumo andar de camisola na rua.

— Não vai a lugar nenhum. O Dr. Oliphant deu ordens explícitas para que fique

na cama pelas próximas quarenta e oito horas

Jennifer suspirou inconformada. Não agüentaria tanto tempo em companhia daquele homem.

Certo de que ela apenas fingia decepção, Ryden advertiu:

— Fique sabendo que, terminado este período, você vai para a rua, com ou sem camisola. Agora vista-a, porque preciso ir trabalhar.

— Nunca. Assim que o remédio fizer efeito vou sair desta casa. , .

— Acho que não tem condições de ir a lugar nenhum, mocinha. O Dr. Oliphant viu que você estava muito cansada e lhe deu um...

— Calmante!

— Deve dormir umas oito horas.

Jennifer percebeu que não existia outra saída senão obedecer-lhe. Estava totalmente à mercê daquele bruto e sabia como isso podia ser perigoso.

CAPÍTULO III

Quando Jennifer acordou, na tarde de quinta-feira, a dor ainda a incomodava. A boca estava seca e sentia-se sonolenta e cansada apesar de ter dormido tanto tempo.

Virou-se para procurar os analgésicos na mesa-de-cabeceira e viu a jarra de água que Ryden lhe deixara. Então, a lembrança dos últimos acontecimentos, que pareciam tão distantes, veio à tona com toda a clareza. — Aquele estúpido! — murmurou.

Recordou-se do sarcasmo com que Ryden lhe apontara o telefone, dizendo que podia usá-lo para cancelar os compromissos de trabalho. Como tinha sido ingênua ao pensar que ele pudesse ser uma pessoa gentil. Quando o vira pegar a camisola que estava caída no chão e que, com muito esforço, tentava alcançar, chegara a imaginar que existisse alguma sensibilidade escondida naquele coração de pedra. Na certa, ela já deveria se encontrar sob o efeito do calmante, pois lhe parecera uma tarefa quase impossível trocar-se.

Ele então se oferecera para ajudar.

Mas mesmo que estivesse totalmente inválida, não tinha intimidade suficiente com homem nenhum para aceitar tal oferta,

— Trocarei de roupa quando você sair. De qualquer forma, obrigada.

A esta altura ele já se debruçava sobre ela, pronto para auxiliá-la. Ante a recusa, parou e, pela primeira vez, a raiva foi substituída por perplexidade. Iludida por aquela reação que confundiu com gentileza, Jennifer sentiu-se compelida a contar-lhe tudo.

— Sobre Noel e eu... — Ryden recobrou imediatamente a expressão de agressividade, mas ela insistiu: — Meu relacionamento com ele foi apenas...

— Eu sei muito bem o que havia entre vocês.

— Não é nada do que está pensando, Ryden. A gente se conheceu por acaso, quando...

— Aposto que teve tempo suficiente ontem à noite para inventar uma linda história, não? Se pensa que vou acreditar em uma palavra do que pretende dizer, engana-se, mocinha.

Deixando-a aturdida, ele saiu apressado para o escritório. Furiosa, Jennifer pensou em chamar alguém para buscá-la, mas não conhecia nenhuma pessoa em Londres a quem pudesse recorrer. Nunca se sentira tão solitária em toda a vida. Dormir então, fora um grande alívio.

De novo se via na mesma situação. Ninguém ali para ajudá-la. Saciou a sede tomando um copo de água junto com os comprimidos e, dez minutos mais tarde, decidiu testar a perna machucada.

Depois de muita dor, conseguiu chegar ao banheiro. Sentou-se no bidê, exausta, consciente de que tinha se esforçado mais do que devia. Se as próximas vezes fossem tão demoradas e penosas quanto esta, não seriam muito freqüentes.

Entrar na banheira foi ainda mais complicado. Pelo reflexo do espelho, notou como estava pálida e despenteada. Depois do banho, na certa se sentiria melhor.

Quando Jennifer finalmente conseguiu voltar para a cama, sentia-se desfalecer. Havia perdido toda a esperança de se recuperar antes que Ryden voltasse.

Suspirou, inconformada com seu destino. Lembrando-se de como se encontrava mal arrumada, levantou-se outra vez para pegar a escova na frásqueira. Não que se importasse muito com o que ele pudesse pensar de sua aparência, mas ela própria se sentia bem quando se arrumava. Resolveu passar batom e *blush* também.

Para sua surpresa, Ryden chegou mais cedo do que esperava.

Contudo, qualquer idéia que pudesse ter de que havia voltado por causa dela, foi logo afastada. Ele levou meia hora até que viesse vê-la.

Jennifer achou que ele havia passado todo o tempo livre a alimentar a raiva que sentia por ela. As suspeitas se confirmaram assim que o viu entrar.

Notando que se arrumara, Ryden comentou irônico:

— Vejo que conseguiu se levantar.

Embora já estivesse se acostumando ao tom provocativo com que ele a tratava,

Jennifer arrependeu-se de ter lhe dado mais esta oportunidade.

— Só consegui chegar até o banheiro. Ficar prisioneira neste quarto me agrada tanto quanto a você.

— É mesmo? — Ryden olhou-a com ar cético. — Deve realmente odiar cada minuto.

O sangue subiu à cabeça de Jennifer. Já era tempo daquele homem insuportável ter notado que havia uma grande diferença entre ela e Gypsy. Não suportaria mais ser agredida.

— Olhe aqui, Sr. Kilbane! Não me interessaria pelo senhor nem que fosse o último homem sobre a face da Terra.

— Nós dois sabemos que se interessaria por qualquer um que tivesse uma gorda conta bancária.

Ao vê-lo se retirar, ela prometeu a si mesma que não lhe dirigiria mais a palavra. Indignou-se com a indiferença que ele havia demonstrado por sua perna. Na certa, nem se incomodaria se precisasse amputá-la.

A revolta se atenuou quando Ryden lhe trouxe uma xícara de chá. E, uma hora mais tarde, ao saborear a maravilhosa refeição que lhe serviu, começou a voltar atrás na decisão.

Mais algum tempo se passou até que ele voltasse, dizendo que ia sair e perguntasse se precisava de algo. Como o clima entre eles parecia ter melhorado e ela iria passar a noite ali, Jennifer achou justo revelar sua verdadeira identidade.

— Não preciso de nada, obrigada — começou com educação, enquanto lhe passava o prato vazio. — O jantar estava uma delícia. O cozinheiro está de...

— Não fui eu que fiz, são pratos congelados.

— Escute, Ryden, se me der um minuto para que eu possa lhe explicar sobre Noel...

Ao ouvir o nome do irmão, ele jogou a bandeja longe.

— Ouça, não me agrada nem um pouco tê-la por aqui, no entanto, não dá para mudar a situação. E já que assumi essa responsabilidade, vai obedecer às minhas ordens.

— Mas eu só queria dizer...

— Em outras palavras, se não quiser ser posta na rua como está, vai ter que guardar para si as artimanhas que usou para conquistar meu irmão.

— Acontece que Noel...

Ela foi de novo interrompida:

— Nunca mais toque no nome do meu irmão. Não suporto ouvi-lo da boca de uma qualquer como você.

Jennifer ficou realmente assustada com o tom ameaçador. Só conseguiu se recobrar quinze minutos depois que ele partiu. Odiou-o com todas as forças.

"Idiota!" Ele não precisaria mais mandar que se calasse, não trocava uma única palavra com aquele imbecil. Muito menos em relação a Noel. "A justiça tarda mas não falha", pensou. Ia se vingar quando Ryden viesse, cabisbaixo, pedir-lhe perdão. Entretanto, sabia que se não lhe contasse ele nunca saberia como estava sendo injusto. Era óbvio que Ryden não mencionaria seu nome à única pessoa que podia lhe dizer a verdade, pois não ia querer fazer o irmão sofrer, falando sobre a ex-namorada.

Ficou entretida com esses pensamentos até que, por volta das onze da noite, a dor a trouxe de volta à realidade. Tomou mais alguns comprimidos, mas não teve paciência de esperar que fizessem efeito. Levantou-se e foi ao banheiro. Removia as faixas para fazer uma compressa, quando ouviu Ryden chegar.

Achou pouco provável que viesse perguntar como se sentia visto que saíra furioso. Enganou-se. Estava de costas para a porta, mas pôde sentir sua presença. Tentou ignorá-lo, o que constatou ser impossível, principalmente ao ouvir-lhe a voz, livre da costumeira agressividade.

— Ainda dói muito?

— Mesmo que não acredite, dói muito, sim — respondeu sem encará-lo. Removendo a compressa, começou a enrolar a bandagem.

— A que horas tomou o analgésico pela última vez?

— Há meia hora. — Ainda que ele ficasse em silêncio, Jennifer sabia que a observava. — Não tem nada melhor para fazer? — irritou-se. O mesmo silêncio. Então, concluiu que falava sozinha e, terminando o curativo, apoiou a perna no chão para se levantar. Ele ainda estava lá.

Surpresa, desequilibrou-se e, sendo Ryden o apoio mais próximo, segurou-se nele. De novo surpreendida, percebeu que desta vez ele não tinha se afastado. No entanto, a dignidade não lhe permitia ser ajudada pelo "inimigo". Distanciou-se e, não querendo que a visse ir mancando até a cama, armou-se de paus e pedras:

— Você se importaria de sair do meu caminho?

Ele se moveu e Jennifer tentou dar um passo.

— Isso é uma estupidez, mocinha...

No momento seguinte, querendo ou não, Jennifer foi carregada de volta para o quarto.

Ela fez o possível para manter o rosto bem longe do dele durante todo o trajeto. No entanto, ao ser colocada na cama, não conseguiu evitar o contato. Imediatamente os dois se afastaram como se tivessem levado um choque.

Certa de que Ryden havia provocado o incidente, Jennifer interpretou aquilo como um insulto.

— Pode esquecer, Kilbane, não vai conseguir nada!

Indignado, ele a soltou no mesmo instante. Ela deu um grito, quando a perna machucada bateu no colchão. Ryden suspirou e saiu, deixando claro que não suportava mais a situação.

Já não esperava mais vê-lo aquela noite, quando ele surgiu trazendo uma bebida quente e alguns biscoitos. O primeiro impulso foi de mandá-lo embora, mas achou que dormiria melhor, caso se alimentasse um pouco.

Ele a tratou com gentileza exagerada:

— Desculpe, é chá outra vez. Não achei chocolate na despensa.

Jennifer ficou um pouco confusa com a mudança de comportamento, mas como já sabia qual era o resultado sempre que tentava mostrar-se simpática, assumiu um tom agressivo:

— Já que não tem estricnina, chá me parece ótimo.

Esperava uma resposta no mesmo nível, mas se desarmou, ao notar que Ryden tinha começado a rir. Dando-se conta do ridículo da situação, ela também não pôde se controlar.

Contudo, o sorriso desapareceu de repente ao ver a seriedade estampada no rosto dele, que não desviava os olhos cinzentos de seus lábios.

Ao perceber que Jennifer havia notado, ele saiu abruptamente.

Naquela noite, Jennifer não conseguiu dormir direito. Os pensamentos voltaram para a imagem de Ryden sorrindo e olhando-a, fascinado. Concluiu que era apenas imaginação.

Na manhã seguinte, ele parecia distante e sério, trouxe-lhe o café e foi trabalhar, deixando-a desolada com a perspectiva de outro dia interminável, largada na cama.

Porém, Jennifer teve uma boa surpresa ao ver que o joelho melhorava. Ainda não podia fazer acrobacias, mas, sem dúvida, a ida até o banheiro seria menos penosa.

Ficou ainda mais otimista ao terminar as compressas. Chegou até a considerar a

possibilidade de voltar para casa sozinha.

Contudo, todos os planos vieram por água abaixo, quando, tentando ficar em pé sem apoio, caiu. Frustrada, arrastou-se até a cama e tomou dois comprimidos para dor. Mas não desistiu da idéia de ir embora. E, quando na hora do almoço, Ryden voltou ainda taciturno, ela quase não conseguiu conter a raiva.

Mais uma vez ficou sem ação, quando ele colocou à sua frente uma bandeja com sanduíches, café e algumas revistas.

— Não precisava se incomodar... — A voz foi sumindo ao vê-lo sair. Já na porta, Ryden virou-se, demonstrando impaciência e esperando que terminasse a frase. — Quero ir embora. — Ele a olhou com o mesmo ceticismo das outras vezes. — Estou pedindo para me levar para casa!

— Tenho mais o que fazer do que levá-la a passear.

Jennifer ficou com os olhos fixos no vão da porta e, ao ouvi-lo sair do apartamento, teve vontade de atirar a bandeja ao chão. Se ao menos pudesse segui-lo para terminar a conversa... Mas esse era o problema, não conseguia dar um passo.

Se Ryden não se dispusera a conversar na hora do almoço, à noite, quem não quis falar foi Jennifer. Ele fingiu não lhe notar o mau humor, esperou que acabasse de comer e saiu. Mesmo desejando que fizesse um péssimo passeio, ela não pôde evitar a curiosidade de saber com quem havia saído. Na certa, alguma mulher sofisticada. Achou que começava a ter alucinações ao se dar conta de que a imagem que via em um vestido elegante era a dela mesma. Tentou afastar tais pensamentos e lembrou-se de que Noel havia dito que eles só ficavam em Londres durante a semana. Não entendia por que Ryden não viajara, pois estavam numa sexta-feira. Talvez sua permanência ali tivesse lhe estragado todos os planos. Começou a se sentir culpada por isso. Os pais, que tanto ansiavam por vê-lo, ficariam desapontados.

Tentou se livrar da culpa, concluindo que se ele houvesse concordado em levá-la para casa, não precisaria perder o fim de semana.

Quando Ryden chegou, ainda sentia-se deprimida. Pensar nos pais dele recordara-lhe a velha amiga, a Sra. Gemmill, que até pouco fazia parte de sua vida. Como gostaria que a companheira estivesse a seu lado...

— Precisa de algo? — A voz dele interrompeu-lhe os pensamentos.

Jennifer negou com um gesto de cabeça, sem encará-lo, pois as lágrimas rolavam silenciosas e não queria que a visse naquele estado.

— Tudo bem com você?

Ela assentiu, desejando que saísse dali. Contudo, ele se aproximou da cama, confortando-a:

— Sei que deve estar doendo muito, mas agüente firme, logo vai ficar boa.

A solidariedade inesperada fez com que ela levantasse a cabeça. Os olhos cinzentos transmitiam sinceridade. Foi a gota d'água.

— Oh, Ryden — irrompeu em soluços.

Quis esconder o rosto e sentiu o braço dele sobre o ombro.

— Não chore.

Olhou para cima e tentou sorrir, mas não conseguiu. A proximidade era tanta que podia senti-lo respirar. O coração disparou.

Ryden aproximou-se ainda mais e a beijou. Jennifer nunca experimentara antes uma emoção como aquela.

Os lábios de Ryden se encontraram com os dela quando, com gentileza, ele apoiou-lhe a cabeça no travesseiro. Acariciando-lhe os cabelos, deitou-se ao lado, fazendo-a esquecer-se do mundo ao redor. Os beijos se sucederam e Jennifer descobriu em si um desejo tão violento e irresistível que a assustou.

Podia sentir através das cobertas o corpo de Ryden contra o seu. A mão dele desceu vagarosa para acariciá-la. Desnudou-lhe o ombro e Jennifer sentiu refletido naqueles olhos sensuais o mesmo impulso que a torturava.

Acariciou-o também, procurando-lhe a pele quente sob a camisa, arqueando o corpo para colar-se ao dele, suspirando de prazer quando os lábios exigentes traçaram uma linha de fogo do pescoço aos seios.

No entanto, naquela procura desenfreada, o peso do corpo de Ryden pressionando-lhe a perna machucada a trouxe de volta à realidade. Não pôde conter um grito de dor. Ele se afastou imediatamente.

— Meu joelho — Jennifer explicou, sem saber o que a incomodava mais, se a dor ou o fato de tê-lo afastado de si. Ainda o desejava muito, mas notou que os olhos de Ryden haviam recobrado a frieza anterior. Atônita, ouviu-lhe a voz ríspida:

— Ainda não foi desta vez, srta. Cavendish.

— A que você se refere? — perguntou ela, indignada, incapaz de compreender que sem querer o fizera lembrar-se de que quase caía nas garras de quem julgava ser a namorada interesseira do irmão.

— Santa inocência! Será que pensou que eu fosse acreditar nessas lágrimas? — Ele parecia mais furioso consigo mesmo do que com ela. — Pode ter conseguido fazer com

que a desejasse, mas entre desejo e amor existe uma longa distância.

CAPITULO IV

Na manhã seguinte, Jennifer acordou com os pensamentos mais tumultuados que na noite anterior. Não choraria pelo que havia acontecido. Ryden não merecia. Afinal, quem ele pensava que era?

Relembrou os momentos em que estivera à mercê daquelas carícias ousadas, odiando-o por levá-la a tal estado de descontrole. Ficou furiosa. Justo naquele instante, ele a acusara de ter, deliberadamente, incitado-lhe o desejo por motivos vis. Que homem monstruoso!

Não se conformava com a própria ingenuidade e imprudência. A ânsia de vingança a invadia. Levantou-se e testou a perna para ver se tinha melhorado.

Desta vez foi bem mais fácil chegar ao banheiro, porém o joelho ainda doía muito. Embora estivesse morrendo de vontade de tomar um longo banho, viu que ia ocorrer um desastre, caso tentasse entrar na banheira. Precisou se conformar com o chuveiro.

Embora pudesse ouvir o barulho de Ryden pelo apartamento, ao voltar para o quarto não se encontrou com ele.

Automaticamente foi para a cama, mas, lembrando-se de que o médico havia recomendado quarenta e oito horas de repouso, concluiu que já devia estar liberada e levantou-se. Vestiu o roupão e sentou-se na cadeira, planejando se arrumar melhor assim que tivesse descansado um pouco. Nesse instante, Ryden entrou. Trajava uma camisa de manga curta e jeans.

Os olhos dele se moveram, vagorosamente, da cama para o local onde ela estava. Jennifer parecia distante, recordando-se dos beijos trocados na noite anterior. Porém, se ele também se lembrava, não demonstrou quando seus olhares se encontraram.

Ela se recompôs, enquanto Ryden colocava a bandeja de café em cima da mesa. Pelo ar carrancudo, percebeu que não mudara de opinião.

Revoltada, lembrou-se da véspera e de como ele havia saído sem lhe dar a menor chance de dizer uma palavra sequer e viu que era hora de ele saber que aquilo não se repetiria.

—Minha paciência chegou ao fim — disse, demonstrando no tom de voz toda a tensão que sentia.

— A minha também — respondeu ele, entre dentes. — Posso deixar a bandeja aqui?

— Faça como quiser. Quero ir para casa e gostaria de saber que desculpa tem agora para não me levar.

— Nenhuma.

— Quer dizer que.. .

— Com todo o prazer. Tome o café e vista-se. — Ao chegar à porta, Ryden virou-se. — Consegue se vestir sozinha, ou quer ajuda?

— Nem que estivesse com os dois braços quebrados.

Já arrumada, com uma saia cinza que deixava as ataduras à mostra e com sapatos baixos, Jennifer constatou que sua aparência não era das melhores.

— Está pronta? — indagou Ryden, abrindo a porta.

Não pretendia se desculpar, mas vendo o olhar jocoso que ele lhe dirigia, justificou-se.

— Não consegui vestir o jeans. Não entra.

— O joelho ainda não desinchou? — perguntou ele, enquanto atravessava o quarto para pegar as malas.

— Um pouco...

Ryden saiu com a bagagem sem fazer nenhum comentário, voltando minutos depois. Nesse ínterim, Jennifer ficou pensando em como conseguiria andar até o carro.

Fazia um esforço enorme para se erguer da cadeira, quando inesperadamente Ryden levantou-a nos braços. Pela mostra até a garagem, percebeu que a viagem seria penosa. Ele parou em frente a um automóvel que devia ter custado uma fortuna e lhe disse que se segurasse bem, para que pudesse abrir a porta.

Uma vez dentro do carro, fechou os olhos para que Ryden não visse refletido neles a dor que sentia. Minutos depois abriu-os. Ele colocava alguns travesseiros sob a perna machucada; surpreendendo-a com tanta consideração.

De repente, Jennifer exclamou:

— Meu carro! Como farei... — Parou de falar ao notar-lhe a expressão de impaciência.

— Dê-me as chaves. Mandarei alguém entregá-lo.

Ela as procurou dentro da bolsa, entregando-as. Estranhou ao ver que Ryden demorava para dar a partida.

— Algum problema?

— Já que esqueci minha bola de cristal, importa-se de me dizer para onde devo levá-la?

Naquele instante lhe ocorreu que a vingança se aproximava, no entanto, pensou, talvez ele não soubesse que Gypsy mora em Cawley. E estava certa.

— Moro em Stanton Verney. — Percebeu-lhe a reação de desagrado ao pronunciar o nome do lugar. — É perto de... ia começar a explicar.

— Sei muito bem onde fica. Infelizmente, é bem perto de Comberford.

— Nem tudo é como a gente quer, não é? — observou ela, sem se dar conta de que Ryden pensava no irmão. Morando tão próximo, seria difícil para Noel controlar o desejo de vê-la e evitar outra decepção.

Como faltava pouco tempo para Ryden se ver livre dela, nem se preocupou mais com a questão de sua verdadeira identidade. "Além disso", pensou, "ele é capaz de me deixar aqui, mesmo se mencionar o nome de Noel mais uma vez."

Durante o trajeto, tudo que Jennifer obteve de seu irascível companheiro foi um profundo silêncio. Não via a hora de chegar em casa e esquecer-se de toda aquela estória. Pensava em como os irmãos Kilbane haviam feito de suas férias um desastre total, quando, finalmente, ele se manifestou:

— Sua colega estará lá?

— Moro sozinha. Não tenho nenhuma colega, se é isso que quer dizer.

Ele brecou de repente e o tranco fez com que Jennifer sentisse o joelho.

— Isso doeu. — Olhou para Ryden, que não pareceu se incomodar. — O que foi que eu disse agora?

— Tenho quase certeza de que Noel mencionou que você dividia o apartamento com uma moça.

Aquele comentário a fez lembrar da Sra. Gemmill.

— Até pouco tempo morava com uma amiga — respondeu com tristeza. — Agora vivo só.

— É mentira!

— Não, não é! — Jennifer gritou indignada. Não agüentava mais ser chamada de mentirosa.

Por alguns segundos os olhos de ambos soltaram faíscas.

Ryden não aceitava estar errado. Começou a tamborilar nervosamente na direção, recusando-se a admitir que Noel tivesse se enganado.

Jennifer não queria perder tempo e deu um sorriso amarelo:

— A paisagem é muito bonita, mas se não se importa, prefiro ir para casa.

— E quer me dizer como vai se arranjar lá sozinha? Mal consegue se arrastar!

— Eu me viro.

—E como vai cozinhar, se não é capaz de se agüentar em pé nem um minuto?

—Eu disse que me arranho e ponto final — reiterou ela, lembrando-se de que a despensa se encontrava quase vazia.

Entrou em pânico só de pensar que fosse levá-la de volta a Londres. Não permitiria.

Ryden pareceu haver se decidido sobre o que fazer. Deu a partida e continuou na mesma direção. Jennifer se julgou uma tola por ter pensado que aquele crápula poderia se preocupar com ela.

Não haviam andado muito, quando Ryden parou de novo. Atônita, ela o viu descer e entrar em uma cabine telefônica. Ficou curiosa por saber para quem telefonava. Qual seria o motivo? Talvez tivesse prometido ligar para alguma namorada.

Observou-o voltar para o carro e sentar-se ao volante. Quase perguntou sobre o telefonema, mas, tendo recebido o costumeiro olhar gélido, desistiu.

Ryden deu a partida. Ficaram em silêncio até que, quase chegando em Stanton Verney, ele errou o caminho. Jennifer suspirou, era tarde demais. Deveria ter lhe dado todas as coordenadas alguns minutos antes.

— Ali atrás era para pegar à esquerda. Mas não tem problema, pode virar na...

— Não estamos indo para Stanton Verney.

— Não?! — Uma placa onde se lia Comberford lhe chamou a atenção. — Nós vamos para Broadhurst Hall?!

— Garota esperta.

Ela ignorou a ironia.

— Tem que pegar alguma coisa antes de me deixar em casa?

— Por favor, me poupe de suas representações. Sabe muito bem que vai passar o fim de semana lá.

— Aí é que se engana. Não vou mesmo...

— Muito engraçado. Pensei que isso a deixaria contente.

— Mas não deixou. Pare o carro imediatamente!

Ele diminuiu a marcha e desviou para o acostamento. Contudo, Jennifer logo percebeu que a atitude dele não tinha nada a ver com o que lhe ordenara; havia estacionado apenas para lhe dar algumas instruções antes de chegar a Broadhurst Hall. Sentiu-se frustrada por não ter condições de descer ali mesmo.

— Recuso-me a seguir para sua casa.

— Já que não irá a lugar nenhum sem que eu a leve, a senhorita tem duas opções: ou vai comigo para Broadhurst ou voltamos para Londres. Qual é a escolha?

— Nem uma nem outra. Prefiro minha casa.

Ele fingiu não ter ouvido.

— Na casa de meus pais temos uma governanta, a Sra. Stow, que pode ajudá-la no que precisar. Já que não me sinto interessado em suas investidas sexuais, considero esta a melhor opção.

Jennifer começou a achar que não teria saída, mas não perdeu a chance de provocá-lo.

— Por acaso tem medo de não resistir?

— Não é com o meu apetite sexual que me preocupo e sim com o seu. — Ela tentou protestar, mas Ryden continuou: — Aliás, foram aquelas suas lágrimas falsas que me alertaram. Se tudo tivesse corrido segundo seus planos, hoje não odiaria só a você, mas a mim mesmo.

Não foi nada agradável para Jennifer ouvir aquelas palavras, embora também o odiasse.

Sabia que não poderia ir sozinha a lugar algum, estava totalmente à mercê daquele ser terrível. Mostrou-se tão aborrecida quanto ele com toda a história. Entretanto, não entregaria os pontos com facilidade.

— Não precisava se preocupar, não ia lhe dar outra chance de se aproximar de mim. E, pensando bem, não está se arriscando demais em me levar para sua casa? Pensei que quisesse me manter longe de seu irmão. — Pela expressão do rosto dele, Jennifer percebeu que era ela quem corria perigo, mas não se intimidou. — Afinal, mudei de idéia. Resolvi me casar com Noel, apesar de que a perspectiva de ter você como cunhado não me agrada nem um pouco.

Ryden tinha um brilho tão assassino nos olhos que ela chegou a antecipar a sensação daquelas mãos a estrangulá-la. No entanto, com um esforço sobre-humano, ele conseguiu se controlar.

— Nós dois sabemos que esse tipo de relação você espera ter é comigo. Eu não seria tolo de levá-la para casa, se não tivesse a certeza de que Noel se mostra a salvo de suas garras, na França.

Jennifer fingiu certa docilidade e resignação:

— Já que é assim, parece que passarei mesmo a noite em Broadhurst Hall...

— Como se já não soubesse. — Antes que ela pudesse revidar, Ryden completou:

— Conheço-a bastante para saber do que é capaz. Sabe que meu pai esteve doente. Então ouça bem, Jenifer Cavendish: — Se fizer qualquer coisa que o perturbe, vai se arrepender pelo resto da vida. Poupe também minha mãe do seu veneno.

Ryden falava a sério. Jennifer gostaria de lhe perguntar que tipo de pessoa pensava que ela fosse, para ser capaz de magoar um casal de velhos que nem sequer conhecia, mas não o fez. Viu que aquela batalha era perdida.

Ryden interpretou-lhe o silêncio como se ela tivesse concordado em se comportar e ligou o carro.

Consternada, Jennifer pensou em como gostaria de estar por perto, quando aquele desalmado soubesse quem de fato era ela.

CAPITULO V

Jennifer ficou impressionada com a enorme extensão de Broadhurst Hall. Percorreram campos intermináveis, lindamente arborizados. E isso foi antes de ver a casa.

Passaram por uma entrada majestosa, anunciada por dois pilares de pedra e seguiram por uma avenida ladeada por pinheiros. De lá, podia-se avistar o gramado que parecia não ter fim.

Aproximaram-se da mansão, uma construção imponente, de dois andares, com fachada branca e sacadas nas janelas.

Mesmo sendo um lugar adorável, ela preferia ter ido para o chalé. Mas como não ia adiantar nada dizer isso a Ryden, resignou-se e, quando ele estacionou, abriu a porta do carro para esperar que viesse buscá-la.

Tirá-la de lá foi tão difícil quanto tinha sido acomodá-la. Quando Ryden a pegou no colo, Jennifer teve vontade de empurrá-lo, contudo, a dor fez com que se agarrasse aos braços que a sustentavam.

— Parece abatida — ouviu-o observar em tom delicado.

— Me sinto um pouco cansada. — Jennifer pensou ter visto um sorriso nos lábios dele antes de virar o rosto para o lado.

— Há um quarto preparado para você — Ryden comunicou, enquanto subiam a escadaria e atravessavam uma enorme porta de carvalho, rumo ao hall.

Então esse tinha sido o motivo do telefonema, ela deduziu.

— Vou cumprimentar meus pais antes de levá-la para cima — continuou ele. — Deve estar precisando de um analgésico.

— Muito gentil — Jennifer agradeceu, sem contudo conseguir imprimir na voz o tom irônico que desejava. Talvez já estivesse sendo contagiada pela atmosfera calma daquela casa.

Nesse momento, sem saber de onde, surgiu à sua frente um casal idoso. Ela, uma senhora magra, de cabelos brancos, aparentando uns sessenta anos, estava acompanhada por um senhor, também esguio, uns dez anos mais velho.

— Ryden! — exclamou a mulher, aproximando-se, visivelmente contente por vê-lo.

O homem também juntou-se a eles e Ryden os apresentou a Jennifer. Logo de início, ela sentiu o clima caloroso de afeto que os unia. Era fácil perceber que, apesar da idade, o casal ainda se amava.

Observando Verônica e Clifton Kilbane, lembrou-se de seus próprios pais, cujo casamento não dera certo. A Sra. Kilbane manifestou a saudade que sentia do filho e esperou que o marido trocasse algumas palavras com ele. Também entre pai e filho havia muito carinho, o que ficou evidente quando Ryden o beijou.

Verônica voltou-se para Jennifer:

— Estamos nos esquecendo de nossa hóspede. Desculpe, querida, mas faz muito tempo que não o vemos. Pobre Jennifer! Penalizou-se ao ver-lhe a perna envolvida em bandagens. — Estou contente que Ryden a tenha persuadido a vir com ele.

Jennifer sorriu, cativada pelo calor humano que emanava daquela mulher. Como era possível aquela doce criatura ter gerado um monstro como Ryden?

— Jennifer está exausta. Vou levá-la para cima e depois me junto a vocês — Ryden adiantou-se, com um sorriso. Assim que chegaram ao topo da escada, no entanto, a expressão do rosto dele mudou.

— Gostaria de tentar andar sozinha — Jennifer disse mais que depressa.

Fingindo não ter escutado, ele continuou até o quarto e colocou-a sobre a cama.

Era um lindo aposento, muito iluminado e perfumado pelas rosas que cresciam no peitoril de uma imensa janela.

— A Sra. Stow chega em um minuto para ajudá-la a ajeitar as cobertas — Ryden falou com seriedade.

Jennifer estava cansada de ficar deitada. Além disso, fizera um sacrifício enorme para se vestir naquela manhã e não pretendia desperdiçá-lo, colocando a camisola.

— Por acaso insinuou que vai me deixar trancada aqui neste quarto?

— Você esquece rápido como sorrir, hein? — Ryden ironizou. Depois, temendo

que o antagonismo entre eles transparecesse e preocupasse os pais, tentou suavizar: — Precisa de repouso. Já que tive o maior trabalho para trazê-la até aqui, podia colaborar um pouquinho, não? — Foi até a porta, mas antes de sair ainda falou: — Darei ordens para a Sra. Stow lhe trazer o almoço. Se à noite estiver mais descansada, pode jantar conosco.

Jennifer viu-se sozinha, sem chance de continuar protestando. Indignada, levantou-se para fazer um reconhecimento do local e foi até o banheiro. Ao voltar, deparou-se com a figura roliça e maternal da governanta, que lhe trouxera as malas.

— Sou a Sra. Stow, muito prazer. Quer que a leve até a cama?

— Por favor. — Jennifer sorriu, simpatizando com ela.

— Então venha. — A Sra. Stow ofereceu-lhe o braço. — Acho que precisa de uma bengala. Vou arranjar-lhe uma. Agora deixe-me tirar-lhe os sapatos.

A jovialidade da mulher lembrou-a instantaneamente da Sra. Gemmill.

— Obrigada, muito obrigada... — Jennifer agradeceu com emoção.

— Antes de desfazer suas malas, vou lhe buscar um café. A Sra. Stow voltou logo trazendo uma bandeja com café, suco de laranja e pãezinhos feitos em casa. Conversaram, enquanto Jennifer se servia e a mulher arrumava as roupas no armário. A governanta contou que estava com a família Kilbane havia anos e que havia cuidado de Ryden e do irmão desde bebês. Não poupou elogios aos patrões, afirmando que nunca encontraria outros iguais a eles.

O velho casal adorava os filhos e tinha lhes causado a maior alegria quando Ryden avisara que voltaria dos Estados Unidos antes do tempo previsto.

— Ficaram um pouco desapontados quando ele ligou dizendo que só viria hoje, desde a manhã de sexta-feira que o esperavam com ansiedade. Mas é claro que compreenderam. Ryden não podia deixá-la em Londres nesse estado, não é?

Jennifer sentiu-se um tanto culpada por ter atrasado o encontro de Ryden com os pais. A contragosto acabou admitindo que a irritação dele não havia sido tão gratuita.

Estava deprimida quando a sra. Stow lhe trouxe o almoço, mas ao ver a bengala que a mulher lhe arranjava, começou a se animar de novo.

Comeu depressa, ansiosa por experimentar a nova forma de se locomover. Vinte minutos mais tarde, ao sentar-se para descansar depois de várias voltas pelo quarto, teve a certeza de que logo poderia ir a qualquer lugar. Entretida com esse pensamento, notou que alguém virava a maçaneta devagar, sem fazer barulho.

— Ah, desculpe, pensei que estivesse dormindo. Tem tudo de que precisa? —

Indagou a Sra. Kilbane, entrando no aposento.

— Mais do que o necessário, obrigada. E além de tanta gentileza, Stow ainda me trouxe a bengala.

Ao contrário do filho, a Sra. Kilbane se mostrou muito carinhosa, oferecendo-se para lhe fazer companhia. Puxou uma cadeira e sentou-se perto da cama.

Conversaram animadamente, sem que ela tocasse uma só vez na relação entre Ryden e Jennifer e, embora devesse estar curiosa a esse respeito, contou-lhe sobre a situação do marido, dizendo que o médico o havia proibido de dirigir por algum tempo. Depois de muita conversa, Verônica percebeu que já era tarde.

— Meu Deus, nem vi o tempo passar...

— Eu a atrasei. — Jennifer se desculpou: — Seu marido deve estar esperando a senhora.

— Duvido. Ele esquece da vida quando conversa sobre negócios com o filho. Não me perdoaria se os interrompesse.

Jennifer sorriu. A doença do Sr. Kilbane parecia não ter afetado o clima alegre e descontraído da casa.

— Terão de ser interrompidos mais cedo ou mais tarde, não?

— Ryden não vai cansar o pai. — A Sra. Kilbane desfez o ar sério com um sorriso sem jeito. — Não quero que Clifton me ache uma chata, mas não posso evitar de me preocupar com seu estado de saúde.

Jennifer conhecia muito bem esse sentimento de apreensão pelo bem-estar de um ente querido. Embora não fosse o mesmo tipo de amor o que sentira pela Sra. Gemmill, a inquietação era a mesma. Sabia que o Sr. Kilbane se recuperava aos poucos e, mentalmente, desejou que ele vivesse muitos anos.

"Ainda que Verônica goste muito dos filhos, o marido vem em primeiro lugar", Jennifer pensou, quando a mãe de Ryden a deixou.

Imaginou como seria bom ser amada daquela maneira e recordou-se dos pais. Aprendera com eles o tipo de casamento que não queria ter. Como ainda não havia encontrado o homem certo, decidiu que seria muito cuidadosa na escolha, quando chegasse a hora.

Nesse momento, a Sra. Stow entrou, trazendo uma bandeja com chá e só ficou o bastante para avisar que se arrumasse, pois desde que o patrão adoecera, serviam o jantar mais cedo para que ele pudesse descansar.

Jennifer havia acabado de trocar a blusa e colocar a única saia que trouxera,

quando, pouco antes das sete, Ryden veio buscá-la. Vendo-o vestido com uma calça larga e camisa pólo, super elegante, arrependeu-se de não ter levado para Londres roupas mais adequadas.

— Sinto não ter nada melhor para usar.

— Está bem assim — observou ele, dando-lhe a impressão de que a achava tão insignificante, que nem tinha notado como se vestia. Aproximou para pegá-la no colo.

— Posso andar, obrigada. — Jennifer lhe mostrou a bengala. No entanto, antes que pudesse apanhá-la, Ryden se adiantou, colocando-a longe do seu alcance. Ela o fuzilou com o olhar e, para sua surpresa, recebeu em troca um comentário bem-humorado:

— Está tão zangada que seria capaz de me nocautear com ela. É melhor me prevenir.

— A idéia não é má. — Jennifer precisou lutar consigo mesma para permanecer séria.

— Acho melhor nos apressarmos ou a sopa vai esfriar. Depois você pratica. — Ryden pegou-a nos braços.

Ela ficou confusa com o turbilhão de emoções que a envolveram ao entrar em contato com aquele corpo quente. Enquanto desciam as escadas, podia perceber-lhe os músculos perfeitos e sentir o cheiro daquela pele, que a excitava. O coração disparou e pensou que fosse sufocar. Foi só quando ele a colocou na cadeira que se deu conta de que, pela primeira vez depois do acidente, esquecera-se da dor.

Não teve muito tempo para lidar com as emoções, pois o casal Kilbane os esperava. Jennifer se recompôs depressa, respondendo ao cumprimento.

O primeiro prato não era sopa e sim patê. Olhou para Ryden, repreendendo-o por tê-la enganado e, mais uma vez, precisou conter o riso ao ver a careta que ele lhe fazia.

De imediato, desviou a atenção para os pais dele. Estava acostumada a lidar com os mais velhos e a conversa correu animada durante o jantar. Por várias vezes sentiu o olhar de Ryden. Sabia que se encontrava atento a cada palavra sua, para mudar de assunto se fosse necessário. Ficou em estado de alerta quando a Sra. Kilbane começou a elogiar as habilidades profissionais de Noel, afirmando que o filho mais novo deveria estar fazendo um ótimo trabalho na França.

Jennifer lembrou-se de como Noel era simpático e de como sua conversa agradável, dado importantíssimo para um bom gerente de vendas, e concordou:

— Estou certa de que vai fazer um ótimo trabalho em Paris. — No mesmo instante sentiu o olhar furioso de Ryden.

— Conheceu Noel? — A Sra. Kilbane pareceu surpresa.

Jennifer sabia que o fato de conhecê-lo não ia preocupar ninguém, mas percebeu com clareza que Ryden não tinha gostado da insinuação.

Como ela demorasse para responder e a anfitriã tivesse notado a troca de olhares entre os dois, esta concluiu por si própria:

— Que ingenuidade a minha. É lógico que sendo os irmãos tão chegados, é impossível conhecer um sem nunca ter visto o outro — e mudando de assunto: — Você mora em Londres?

Aliviada, Jennifer contou-lhe que morava em Stanton Verney.

O Sr. Kilbane observou que a cidadezinha ficava muito próxima dali e comentou que lera qualquer coisa sobre um motorista vândalo, que, na certa por causa do abuso com a bebida, havia destruído o jardim do local.

Jennifer teve vontade de rir, mas se controlou a tempo.

— Os membros da Sociedade de Preservação dos Jardins são muito dedicados. — Contou rapidamente sobre o caráter daquela associação e, felizmente, a Sra. Kilbane desviou o rumo da conversa para o fato de ela morar sozinha.

— Meus pais são divorciados e casados em segundas núpcias — Jennifer explicou. — Minha mãe e o marido vivem em Hong Kong e raramente vejo meu pai.

— Oh, querida! — A anfitriã notou-lhe o ar melancólico e ficou penalizada. — Deve se sentir muito só.

Jennifer nunca vira a situação por aquele prisma e não pretendia sensibilizar ninguém. Mas, antes que pudesse dizer algo em contrário, a Sra. Kilbane lhe propôs:

— Meu filho nos disse que você só poderia ficar o fim de semana, mas insisto em que prolongue a estada conosco.

— Vamos ver como se recupera da contusão, não é Jennifer? — Ryden não lhe deu chance de responder.

Estava furioso, achando que ela havia premeditado aquela conversa, para ser convidada a ficar. Jennifer, por sua vez, ficou indignada. Não tinha culpa se o assunto tinha caminhado para tal desfecho. Afinal, concluiu, o culpado era ele de ter uma mãe tão gentil.

Ela falou pouco até o fim da refeição, mas precisou de um grande controle para não brigar com Ryden, quando o Sr. Kilbane a convidou para conversar um pouco na sala. O filho, sem mais nem menos, interferiu mais uma vez:

— Peço que desculpem a nossa hóspede, mas ela prefere se retirar, a viagem a

deixou exausta. — Sorriu para Jennifer sem obter resposta. Embora não demonstre, sente muita dor e precisa de alguns analgésicos.

Ela teve vontade de esganá-lo, mas não viu outra saída senão ficar quieta e tranqüilizar a Sra. Kilbane, afirmando que não doía tanto assim.

Logo que o casal se retirou, Jennifer se decidiu. Ryden a tratara como se tivesse uma doença contagiosa e, portanto, não tocaria em nem mais um fio do seu cabelo. Manteve-se firme nessa decisão, quando ele ameaçou auxiliá-la.

— Não ouse encostar a mão em mim. Não preciso de sua ajuda.

— Não seja tão...

— Se tocar em mim, eu grito.

Ele se deteve, vendo que ela não brincava.

A duras penas, Jennifer levantou-se da cadeira, certa de que ele só se preocupava mesmo era com que o escândalo alarmasse os pais. Determinada, mancou até a porta, lamentando não ter insistido em trazer a bengala.

Atravessou o hall, onde quase não havia móveis para se apoiar e, ao chegar ao pé da escada, sentiu-se realmente necessitada dos analgésicos a que Ryden se referira.

— Oh, Deus! — murmurou, apoiada no pilar do corrimão. A escada lhe pareceu mais alta do que nunca. Mas apesar de a dor estar lhe atenuando a raiva, ainda queria subi-la sem ajuda. Concentrada no que ia fazer, não percebeu Ryden se aproximar.

— Vejo que é muito corajosa, mas pouco esperta.

Foi incisiva ao ver que ele fazia menção de levantá-la nos braços:

— Já disse que não quero ajuda.

Querendo ou não, viu-se carregada escada acima.

— Segure-se em mim — ordenou ele.

Ao entrar em contato mais uma vez com aquele corpo desejado, a raiva desapareceu, dando lugar àquela confusão de sensações de poucas horas atrás, que a impediam de pronunciar as palavras que o cérebro comandava: "Ponha-me no chão".

Completamente tomada pela emoção, só conseguiu se recobrar um pouco, quando relou o pé no batente da porta. Ryden interpretou-lhe o gemido como uma tentativa de protesto e a colocou na cama com cuidado.

Ainda com o braço ao seu redor, olhou-a nos olhos. Jennifer ficou sem fôlego e desejou que ele não se movesse. Na verdade, gostaria que a abraçasse. Fitaram-se por alguns segundos e, magnetizados, seus lábios se encontraram. O coração de Jennifer pareceu explodir ao sentir a boca de Ryden sobre a sua. Beijaram-se avidamente. De

repente, ele se afastou e a atmosfera sensual que os envolvia foi substituída pelo ódio.

Ao notar-lhe a expressão do rosto, ela se desvencilhou com um movimento brusco, esquecendo-se da perna machucada.

Ryden se levantou imediatamente.

— Vá para o diabo, você e suas táticas de sedução! — disse com raiva, antes de sair, batendo a porta.

Se Jennifer não dormira bem na véspera, devido à dor, naquela noite o motivo era outro. Nada atenuava a mágoa que Ryden tinha deixado em seu coração, ao lhe dizer aquelas palavras antes de partir.

Deveria estar furiosa, no entanto, não era esse o sentimento que a dominava. Também não se importava em saber o motivo por que Ryden saíra tão repentinamente. Toda a revolta fora aplacada pela revelação da verdade: a razão daquela sensação de desmaio, da falta de ar, do coração disparado... Não era possível, não podia acreditar no que as evidências lhe mostravam. Nem mesmo simpatizava com ele, como poderia?...

Passou a noite tentando se convencer de que mais uma vez sua imaginação fértil se manifestava. Inútil. Nada podia transformar a realidade. Quando o dia amanheceu, Jennifer teve que aceitar a dura constatação de que amava o homem errado. O homem que a maltratara e espezinhara durante todos esses dias. Estava perdidamente apaixonada por Ryden Kilbane!

CAPITULO VI

No domingo, Jennifer teve mais provas de que, se dependesse de bom tratamento, se recuperaria logo. A Sra. Stow, sempre bem-humorada, lhe trouxe uma xícara de café e perguntou se havia dormido bem e se o joelho estava melhor.

Ela mentiu sobre a noite mal dormida afirmando que se sentia melhor. Muitas outras coisas a preocupavam, bem mais do que o machucado.

Então, antes que os pensamentos que a perturbavam voltassem, a Sra. Kilbane, ainda de robe, entrou para lhe fazer mais ou menos as mesmas perguntas.

Obrigada a mentir de novo sobre a madrugada passada em claro, Jennifer sorriu, mostrando que não havia motivo para tanta preocupação.

— O inchaço diminuiu e o joelho está bem menos dolorido.

— Ótimo. Não precisa se esforçar agora, mas se estiver se sentindo melhor depois do café, Ryden poderá vir buscá-la para nos fazer companhia na sala.

Jennifer concordou, mas assim que a anfitriã saiu, levantou-se para testar a perna.

Constatou que ainda não conseguiria saltar obstáculos, contudo, fizera progressos.

Já havia se deitado novamente, quando a governanta lhe trouxe a bandeja com o desjejum.

— Voltarei para ajudá-la a se vestir — avisou antes de sair, mostrando que estava a par dos planos para depois do café.

— Acho que posso me ajeitar sozinha — Jennifer agradeceu, com um pensamento a perturbá-la: Ryden. Esperou até que a Sra. Stow saísse, bebeu uma xícara de café preto e se levantou.

Enquanto tomava banho e se vestia, preocupava-se com a reação que teria ao encontrá-lo. Apreensiva quanto ao estado de descontrole em que ficava quando se encontrava em seus braços, achou melhor não deixar que a carregasse de novo. Esperou alguns minutos para que a família terminasse o desjejum e preparou-se para a jornada até a sala.

Não conseguia afastar o pensamento de Ryden. Questionava-se sobre como teria surgido aquele amor por alguém que a fazia sofrer tanto.

Tudo o que sabia era que ao lado dele sentia emoções que nunca havia experimentado antes. Na verdade, se deu conta de que tinha se apaixonado desde o primeiro instante em que o vira. O seu subconsciente já devia estar alerta para o que ia acontecer desde o momento em que se encontraram. Isso explicava a estranha necessidade de contrariá-lo, como se algum mecanismo de defesa estivesse sendo acionado. A raiva que a invadira todas as vezes que Ryden a levava no colo era uma prova disso. Com certeza evitava as sensações que aqueles braços iriam lhe proporcionar.

A descoberta dos verdadeiros sentimentos em relação à Ryden a deixara frustrada. Seria mais fácil se sentisse ódio.

Dirigiu-se para a escada o mais depressa que pôde a fim de afastar as preocupações. Estava certa de que todos se encontravam lá embaixo, mas, de repente, ouviu passos atrás de si. Imediatamente soube a quem pertenciam. Mal conseguiu conter a própria emoção, no entanto, continuou como se nada tivesse acontecido. Ryden se aproximou.

— Corajosa, hein? — comentou em tom de brincadeira.

Jennifer não conseguiu evitar o impulso de encará-lo, confirmando mais uma vez o que sentia por aquele homem: amor, muito amor.

— Acho que é problema meu, não? — respondeu seca.

A expressão dele tornou-se dura. Jennifer virou o rosto para evitar ver o ódio estampado naquele olhar. Percebeu que não conseguiria mais suportar a situação criada entre eles e que precisava se arriscar mencionando o nome de Noel. Contar toda a verdade era sua única chance de poder se aproximar de Ryden, de conquistá-lo.

Encheu-se de coragem, procurando as palavras certas e começou:

— Ryden... — Nesse instante a Sra. Kilbane apareceu ao pé da escada, interrompendo-a.

— Meu Deus! Segure-a, meu filho!

— Hoje Jennifer proclamou sua independência, mamãe. Vai descer sozinha.

Jennifer tinha perdido a chance de explicar tudo, mas ainda mantinha a decisão de fazê-lo.

Ponderou que o fato de esclarecer o mal-entendido não ia fazer com que Ryden a amasse, contudo, iria mostrar-lhe que não havia motivo para tanto ódio. Ao chegar aos últimos degraus, estava tão entretida com esses pensamentos que nem se incomodou com a habitual provocação:

— Muito bem, Jennifer! Agora todos sabem que você é uma mulher de fibra.

— Parabéns! — congratulou-se a Sra. Kilbane. — Mas acho que já foi bastante esforço por um só dia. Apóie-se em mim, fica mais fácil chegar até a sala.

— Espere, mamãe. Pensei em levar nossa hóspede para dar uma volta de carro.

Jennifer animou-se, pois era a oportunidade que esperava. Todavia, a anfitriã discordou com um gesto de cabeça.

— Acho que não deve fazer isso, querido. Jennifer não reclama de nada porque é muito gentil, mas creio que a viagem turbulenta de ontem já foi suficiente e não vai querer repeti-la tão cedo. Além do mais, gostaria de bater um papo com ela.

Jennifer interpretou o convite para o passeio como uma forma de Ryden evitar que ela se aproximasse da família. Mesmo assim sentiu perder aquela chance de estar a sós com ele. Logo depois veio a saber que isso também não aconteceria.

— Nesse caso, levarei apenas papai. — Ryden concluiu. A Sra. Kilbane ajudou-a a ir até a sala de estar.

Um pouco mais tarde, a governanta entrou trazendo o café e fez uma alusão à melhora do tempo enquanto servia, e se foi.

Já fazia algum tempo que Ryden e o pai haviam saído e as duas conversavam sobre música, quando, ao colocar a xícara na mesa, a Sra. Kilbane comentou como a casa ficava agitada com Ryden por perto.

— A Senhora deve sentir muita falta de Ryden, não é? — Jennifer não resistiu à curiosidade de saber mais sobre o homem que amava.

— Faz alguns anos que ele tem o apartamento em Londres e nós já nos habituamos. Se bem que só começou a vir para casa nos fins de semana, depois que o pai adoeceu.

— O apartamento é de Ryden? — indagou Jennifer, engasgando. Noel lhe dera a impressão de que possuía uma parte dele. Nunca usaria a chave, se soubesse.

— O que pertence a um é do outro também, graças a Deus! Sempre foi assim depois que Noel nasceu. Ryden tinha onze anos quando engravidei pela segunda vez. Como filho único até então, temi que ficasse com ciúme do novo irmãozinho.

— Preocupação desnecessária crê.

— Totalmente querida... Noel nasceu no dia de Natal e tenho certeza de que foi para Ryden o melhor presente que poderia receber. Costumava gastar todas as economias com ele. — Verônica continuou contando o quanto o filho mais velho era cuidadoso com o irmão e de como se mostravam unidos.

— Eles nunca brigaram?

— Uma pequena discussão uma vez ou outra, mas, sendo Ryden bem mais velho, nunca chegaram a se agredir fisicamente.

— Ryden é muito paternal na forma como trata Noel, não?

— Muito. Desde que me lembro, Noel sempre procurou o irmão quando estava com problemas... — O relógio bateu e a Sra. Kilbane se assustou: — Meu Deus! Já é meio-dia. Como o tempo passa! É melhor eu ver como a Sra. Stow está se saindo com o almoço.

Entretida com a conversa da anfitriã, Jennifer não teve tempo de pensar no desespero que o amor por Ryden lhe causava. Ao se ver só, a angústia voltou.

De novo aquele aperto no coração, aquela tristeza. Em repouso forçado, Jennifer precisava de alguém que a distraísse, desviando-lhe os pensamentos, daquela paixão pelo homem que a ignorava.

Decidiu que não ia ficar ali se martirizando e também não suportava mais tanta ociosidade. Reuniu as forças; precisava agir. Já estava preparada para se levantar, quando ouviu alguém se aproximando e imaginou que fosse a Sra. Kilbane. Relaxou no sofá, esperando que a porta abrisse.

Surpresa, viu entrar um rapaz loiro. Não foi a única a se assustar. Perplexo ao reconhecê-la, Noel quase não conseguiu falar.

— O que está fazendo? — Ele sorriu, fechou a porta e se aproximou. — Não me diga que lhe dei a chave errada.

— Gostaria que não tivesse me deixado nenhuma.

O rapaz mudou de expressão ao perceber-lhe o tom da voz e ao notar que tinha a perna enfaixada.

— O que aconteceu com você, Jennifer?

Alguns minutos mais tarde, ela já o havia posto a par de tudo, exceto do amor que sentia pelo irmão.

— Meu Deus, que confusão! Mas por que não disse a ele que não era Gypsy?

— Tentei várias vezes, mas, como lhe disse, ele estava furioso, completamente fora de si.

É verdade, sei como é. Quando fica nesse estado, não há quem consiga controlá-lo. Mas, e depois que você se machucou, tratou-a melhor?

— Mais ou menos, acho que se sentiu culpado pelo acidente. Quando me levava para casa, no meio do caminho deixei escapar que morava sozinha e ele me trouxe para cá. Sob protesto, é claro.

— Se conheço bem o meu irmão, deve ter tratado você com a maior frieza. No máximo te ofereceu comida.

Jennifer tentou não pensar nos poucos momentos em que ele lhe oferecera mais do que isso. Ia dizer a Noel que de vez em quando, quase tinham chegado a se tratar como amigos, no entanto, ficou com medo de deixar transparecer os sentimentos.

— Acho que, no lugar dele, qualquer um ficaria aborrecido, Noel.

— Bem, será por pouco tempo. Agora mesmo vou contar-lhe... — O rapaz se calou e assumiu um ar preocupado.

Jennifer, que nesse momento ia lhe dizer que Ryden havia saído com o pai, ficou apreensiva.

— O que aconteceu? Você não me parece bem.

— É que me ocorreu que se Ryden foi tão agressivo com você, pensando que fosse Gypsy, imagine o que não fará com ela, quando se conhecerem?

— Como assim? Mas vocês não terminaram?

— Terminamos. — Noel parecia nervoso. — Ao menos eu estava certo disso quando Ryden me telefonou, caso contrário, não teria mencionado os presentes caros que ela aceitou. Acho que exagerei, devo ter dado uma péssima impressão sobre o caráter dela.

— Não fique assim... Você precisava desabafar.

— Depois de contar a Ryden a maneira cruel que Gypsy me rejeitou e ter prometido a ele que a esqueceria, vi que não ia ser fácil manter a palavra. Ontem, não resisti e liguei para ela.

Só então Jennifer percebeu o quanto Noel amava a namorada, pois após tanto sofrimento ainda fora procurá-la. Constatou como era difícil esquecer-se um amor, mesmo que não correspondido.

— Você devia estar desesperado, Noel... Ele concordou com um gesto de cabeça.

— Tremi feito uma vara verde enquanto esperava que ela atendesse. Pensei que fosse me receber com frieza, mas, ao contrário, não podia ter sido mais delicada.

— Quer dizer que fizeram as pazes?

— Aí é que está, ainda não. E se depender de Ryden, acho que nunca faremos. Ela concordou em me ver amanhã à noite. Por isso, ele não pode descobrir que você não é Gypsy, entendeu? Preciso acertar tudo com ela primeiro.

— Mas ele não pode fazer nada para...

— Claro que pode. Não vê? Se souber do encontro, vai procurá-la e, se a tratar como tratou você, Gypsy nunca mais volta a falar comigo.

— Ryden não faria isso.. .

— Não tenho tanta certeza... Mesmo assim não posso me arriscar.

Jennifer achou que Noel exagerava um pouco, parecia não enxergar a situação com clareza. Era fácil perceber a razão do nervosismo, estava com medo de que algo saísse errado e de que perdesse a única chance de voltar com a namorada. Tentou fazê-lo raciocinar, mesmo sabendo por experiência própria que em assuntos de coração isso era quase impossível.

— Mas, como Ryden ficaria sabendo do encontro, se não lhe contasse?

— Ryden sempre sabe de tudo... Ele sabe que quando chego tarde estou com alguma garota. Vendo que voltei antes do tempo, vai juntar dois mais dois e deduzir o resto.

— Mas ele não tem nem idéia de onde Gypsy mora.

— Não, mas sabe que tipo de trabalho ela faz. Pode resolver ligar para as agências até encontrá-la. — Noel olhou-a com ar suplicante. — Preciso de tempo, Jennifer. Aos poucos, com uma palavra aqui outra ali, acho que consigo apagar a imagem interesseira de Gypsy que transmiti a meu irmão.

Jennifer começou a perder as esperanças de ter uma conversa franca com Ryden.

— Sei do que meu irmão é capaz. Não posso permitir que ofenda Gypsy mortalmente, tentando comprá-la. Na certa oferecerá dinheiro para que ela me deixe.

Noel começou a transpirar. Vendo o estado do amigo, Jennifer acabou cedendo.

— Então quer mesmo que eu te ajude?

— Faria isso? Deixaria tudo como está até que reate com Gypsy?

Ela não conseguiu pronunciar as palavras de consentimento, de tão decepcionada que estava, no entanto, o gesto de cabeça mostrou a Noel que concordava.

— Não será por muito tempo, prometo. — Ele lhe tomou as mãos em sinal de agradecimento. — Se puder evitar que ele desconfie, só até eu saber em que pé estão as coisas com Gypsy... — Vendo que ela parecia frustrada, preocupou-se. — Não vai ficar triste por não dizer a Ryden quem você é na verdade, vai? É a primeira vez que minto para ele, mas Gypsy é tão importante para mim que...

Nesse momento a porta se abriu. Lá estava Ryden, dirigindo-lhes um olhar cheio de ódio, ao vê-los de mãos dadas. Em seguida, entrou o Sr. Kilbane.

— Noel! — Saudou, feliz ao ver o filho caçula de volta. No mesmo instante, Noel levantou-se para cumprimentar o pai. Jennifer, sem participar da ação que se desenrolava, desviou os olhos evitando a hostilidade que Ryden lhe transmitia. Ouviu-o entrar na conversa, a raiva controlada devido à presença do pai:

— Pensei que as negociações com o Sr. Ducret fossem começar esta semana, Noel...

— A reunião estava marcada para amanhã, mas ele adoeceu, caiu de cama com uma gripe e fomos obrigados a cancelá-la. Deixei ordens para me chamarem, assim que se recupere. Como são apenas poucas horas de avião, resolvi passar o fim de semana em casa. — Noel fez uma pausa e olhou para Jennifer. — Se soubesse que Gypsy estava aqui, viria antes.

Se Ryden ia fazer algum comentário, não conseguiu, devido à entrada da mãe, que correu a abraçar Noel. O Sr. Kilbane se aproximou e sentou-se em frente a Jennifer.

— Fizeram um bom passeio? — perguntou ela, amável.

— Tomar um pouco de ar, sempre faz bem para a saúde... O Sr. Kilbane respondeu sorrindo.

Logo passaram a comentar sobre as tonalidades de verde que as folhas apresentavam naquela época do ano e sobre a temperatura. Todavia, nem por um minuto, Jennifer deixou de sentir o olhar de Ryden. Mesmo a conversa com a mãe não evitou que a vigiasse.

Quando anunciaram que o almoço estava servido, foi Noel quem veio ajudá-la a se levantar.

— Pode deixar que eu me ajeito sozinha — agradeceu ela, mostrando-lhe a bengala.

Durante toda a refeição, Ryden portou-se como um cavalheiro e não lhe dirigiu nem uma palavra rude, provando que prezava as ocasiões de convívio familiar.

Contudo, Jennifer não se enganou com aquele comportamento cordial. Sabia muito bem que ele só se controlava em consideração aos pais.

Assim que terminaram o almoço, ela constatou que estava certa. Ryden demonstrou que não se esquecia das coisas com tanta facilidade. No entanto, para alívio dela, parecia que desta vez era Noel quem ia enfrentar-lhe a fúria. Ao se levantarem, ele se dirigiu ao irmão.

— Se não tem nada planejado para esta tarde, gostaria de discutir uns assuntos com você, na biblioteca.

— Acho melhor não trabalhar no fim de semana, filho — aconselhou o pai, e continuou conversando com Ryden.

A Sra. Kilbane sugeriu a Jennifer que voltassem ao sofá da sala.

— Se não se incomodasse, gostaria de subir para o meu quarto.

— Claro que não, querida. Descanse bem, assim talvez esteja mais disposta à noite e nos faça companhia depois do jantar.

Jennifer notou que Ryden já terminara a conversa com o pai e que todos prestavam atenção ao que a Sra. Kilbane dizia. Quando os donos da casa saíram, foi Noel quem novamente se ofereceu para ajudá-la.

— Vou levar Jennifer para o quarto e em seguida o encontrarei na biblioteca, certo, Ry?

— Gostaria de tentar ir sozinha, se não se importa, Noel?

— Mas você mal consegue andar...

— Ela acabou de decretar a própria independência. Deixe-a saboreá-la um pouco — Ryden interferiu.

Jennifer notou que havia uma farpa naquele comentário. Não esperou pelo próximo e se concentrou na tarefa a que se propusera.

A subida foi lenta e dolorosa, e quando parou no topo da escada para descansar, percebeu que Ryden e Noel tinham ficado no hall, observando-a.

— Viva a independência! — exclamou, levantando o braço e olhando em direção a

eles.

Noel sorriu e Ryden fez um leve movimento de lábios, reiterando a observação que havia feito na noite anterior de que era corajosa, mas, sem dúvida, pouco esperta.

Quando finalmente conseguiu chegar à cama, achou que o sacrifício valera a pena. Mas foi apenas o tempo de recuperar-se do esforço. Como já esperava, Ryden voltou a dominar-lhe os pensamentos.

Lembrou-se de que ele havia dito que se o irmão não estivesse a salvo na França, não a traria para Broadhurst Hall. Recordou-se da expressão com que a olhara ao constatar que Noel estava bem ali, à sua frente, de mãos dadas com quem ele julgava ser Gypsy. Ocorreu-lhe que Ryden não deixaria aquilo passar em branco e que, certamente, guardava algumas palavras ríspidas para ela. Lamentou que, pelo fato de ter concordado com o que Noel lhe pedira, não possuía mais defesa nenhuma.

Pensou melhor no assunto e concluiu que já era quase impossível que Ryden correspondesse ao seu amor; não tinha nada a perder, exceto a oportunidade de vê-lo desculpar-se por tê-la julgado mal.

Ainda lembrando-se do que Noel dissera sobre o raciocínio rápido do irmão, Jennifer ponderou que se lhe contasse toda a verdade, Ryden poderia pensar que havia alguma outra intenção escondida e que acabaria descobrindo que ela o amava.

Nesse momento, Jennifer percebeu que não era apenas Noel que não conseguia enxergar a situação com clareza. O amor por Ryden diminuía sua capacidade de raciocínio. Estremeceu só de pensar na possibilidade de que ele pudesse descobrir que estava apaixonada. Isso foi o suficiente para levá-la a decidir que nunca revelaria sua verdadeira identidade.

Jennifer fechou os olhos, tentando imaginar a cena que ocorria no escritório. Possivelmente, Noel enfrentava dificuldades em mentir para o irmão; devia estar pisando em ovos para não exagerar, ao mesmo tempo em que lutava para que Ryden não descobrisse a verdade.

A imagem da Sra. Stow em frente à cama com uma xícara nas mãos a trouxe de volta à realidade. Percebeu que devia ter cochilado.

— Achei que gostaria de um chazinho. Trouxe também uns biscoitos, apesar do Sr. Kilbane ter me afirmado que, pelo menos até as oito horas, ninguém conseguiria comer mais nada depois de um almoço daqueles.

— Hoje vamos jantar mais tarde? — estranhou Jennifer.

— Estamos voltando aos velhos tempos. — A governanta parecia mais animada

que de costume.

A Sra. Stow saiu e Jennifer tomou o chá. Entretanto como o anfitrião previra, não agüentou comer os biscoitos. Como faltasse muito tempo para as oito e não tivesse nada para fazer até lá, o tédio se estabeleceu. Não queria descer e se arriscar a ser chamada na biblioteca. Se desse algum palpite errado, era bem capaz de complicar a situação. Por hora, concluiu, a vida já estava bastante complicada. Levantou e se dirigiu ao banheiro.

Tencionava apenas enxaguar o rosto, mas a banheira lhe chamou a atenção. Fazia tanto tempo que não tomava um banho de verdade que nem se lembrava mais como era. Decidiu enfrentar o desafio. Seria uma boa forma de matar o tempo.

Pouco depois, estava mergulhada na água até o queixo. O calor e o perfume dos sais de banho pareciam sublimes e fizeram-na se sentir nas nuvens. Até a dor no joelho melhorou.

Mesmo saboreando cada segundo do delicioso relaxamento, Jennifer não conseguiu afastar a lembrança de Ryden. Após várias tentativas, rendeu-se e resolveu se concentrar em como gostaria que ele se oferecesse para levá-la para casa, talvez naquela mesma tarde. Afinal, ponderou, era apenas um pulo até Stanton Verney... E ele bem que poderia dar-lhe uma carona depois do jantar. Ou talvez, considerando-se que os dois irmãos tinham que ir para Londres na manhã seguinte, um deles podia deixá-la em casa no caminho. De repente as divagações foram interrompidas.

Ouviu nitidamente alguém entrando no quarto. Na certa, a Sra. Stow viera buscar a bandeja. Tranqüilizou-se.

Grande engano... Começou a inquietar-se ao perceber que deixara a porta entreaberta e a pessoa se aproximava.

Apavorou-se ainda mais ao reconhecer os passos. Sabia agora que não era apenas imaginação. Concluiu que Ryden, furioso por estarem ela e Noel sob o mesmo teto, vinha tirar satisfações.

CAPITULO VII

Jennifer ainda acreditava que sobrasse a Ryden algum resquício de escrúpulo e que ele não fosse entrar no banheiro. No entanto, quando a porta abriu, percebeu que mais uma vez se enganava. No primeiro momento ficou paralisada, entretanto, em seguida tentou se levantar rápido para pegar a toalha. Ao sentir uma dor lancinante no joelho, lembrou-se, da pior maneira possível, de que ainda não podia fazer movimentos bruscos. Viu-se forçada a sentar novamente, furiosa.

— Fora! Saia daqui! — Gritou, assim que o viu.

Estava tão indignada que nem se deu conta de que continuava descoberta por completo. Ficou com mais raiva ainda ao notar que ele nem tomava conhecimento de suas ordens. Decidida a não encará-lo, virou-se de lado e percebeu que seria inútil, pois podia ver-lhe o reflexo no espelho. Se daquele ângulo enxergava, então era óbvio que Ryden também tinha uma visão plena de sua nudez. O sangue lhe subiu à cabeça e ela deu-lhe as costas.

— Não vá dizer que meu irmão é o único homem que pode vê-la despida. Uma cena linda, por sinal.

— Quer fazer o favor de sair? — Jennifer quase chorava. — Presumo que tenha algo muito importante a dizer, já que não pôde esperar que eu acabasse o banho. — Notando que o pedido não fora atendido, tentou persuadi-lo com delicadeza. — Por favor, eu o encontrarei no quarto em...

Aliviada, viu que Ryden começava a se mover. Apoiou-se nas bordas da banheira, na tentativa de se levantar e se cobrir o mais rápido possível. Só que não era tão fácil assim. ..

As mãos escorregaram e ela caiu sentada, deixando escapar um grito involuntário. Levou um susto ao sentir de novo os braços firmes dele a levantá-la. E, antes que pudesse protestar, estava fora da água.

Ficou sem ação quando, ao ser colocada sobre o tapete do banheiro, se viu totalmente nua em frente a Ryden. Perplexa, não conseguiu pronunciar nem uma palavra diante daquele olhar insistente que a percorria dos pés à cabeça e em seguida se detinha nos seios, sobre os quais gotículas de água teimavam em escorrer.

Um pulsar nas têmporas de Ryden, em quem tinha os olhos fixos, fê-la sair do transe em que se encontrava. Ao fazer menção de pegar a toalha, ele se adiantou e cobriu-a, saindo depois para esperá-la no quarto.

Jennifer não se surpreendeu ao notar que tremia, mas apressou-se a se recompor, temendo que ele voltasse. Pensando nisso, decidiu que não tinha tempo para se vestir e colocou o roupão que deixara pendurado atrás da porta. Nesse instante, lembrou-se do movimento na têmpora de Ryden.

Lisonjeada, concluiu que tal espasmo inconsciente não podia ter outra causa senão sua nudez. Só não entendia o porquê. Estava certa de não ser a primeira mulher que ele via naquele estado e deduziu que tinha sido muito otimista e que provavelmente aquela manifestação era de puro ódio.

Pensar no sentimento que inspirava em Ryden a deixava triste, mas constatá-lo de forma tão evidente a deprimia ainda mais.

Um som vindo do quarto lembrou-a de que precisava se apressar se não o quisesse de novo no banheiro. Desconsolada com a descoberta que acabara de fazer e ainda molhada, prendeu o roupão com o cinto, pegou a bengala e saiu.

Ao entrar no aposento se deu conta de que precisaria fazer o impossível para não demonstrar o turbilhão de emoções que a presença dele lhe causava.

— Imagine que o sermão vá começar para eu deixar seu irmão em paz — ironizou.

— Isso nem precisa ser dito. Já o magoou bastante e não precisa prolongar o sofrimento, mantendo-o mais tempo sob o seu domínio, senhorita Cavendish.

Jennifer se manteve firme frente à agressividade, contudo, sabia que o papel que prometera a Noel desempenhar exigia que fosse mais ríspida.

— Seu irmão e eu tivemos uma discussão. Isto é muito comum entre namorados...

— Notou que Ryden quase se descontrolou. — E às vezes falamos coisas sem pensar.

— E freqüentemente, no calor da briga, com os ânimos exaltados, deixamos escapar pensamentos que lutamos para esconder.

— É verdade — concordou ela, pensando que era bem provável que esse fosse o caso de Gypsy, mas continuou a representação. — Acontece que Noel sabe.. .

— O pobre coitado está tão apaixonado que já não sabe nem o próprio nome. — Ryden a interrompeu. — Em apenas cinco minutos de conversa você não só o convenceu de que não falava sério quanto a casar com alguém de mais status como também lhe deu esperanças de corresponder a seus sentimentos. Isso é sórdido, garota!

Jennifer não fazia questão de bisbilhotar conversas alheias. A que ocorrera entre Noel e Gypsy não lhe interessava, no entanto, gostaria de saber o que havia sido dito na biblioteca para não incorrer em algum erro e entregar o amigo na primeira oportunidade. Portanto, procurou contornar o assunto.

— Como pode estar tão certo de que não gosto de seu irmão? Além disso, após ter constatado pessoalmente que indivíduo insuportável você é, caí em mim e percebi que amo Noel.

Jennifer achou que tinha ido longe demais quando Ryden explodiu.

— É mentira! Só há duas coisas que você ama! dinheiro e posição. Pouco importa se o homem que a possua lhe agrade, contanto que lhe proporcione uma existência tranqüila.

Mesmo sabendo que ele pensava estar se referindo à namorada interesseira do

irmão, sentiu-se atingida por tais palavras. Nesse momento precisou se desviar da investida de Ryden, que se aproximou ameaçadoramente. Pensou que não sairia dali viva.

O orgulho ferido fez brotar-lhe a agressividade e resolveu revidar.

— Precisa me dar muito mais do que isso para que aceite me casar com você. — Pela expressão dele, Jennifer percebeu que fora mal interpretada e, no momento seguinte, soube qual a mensagem que ele havia captado.

— Está insinuando que faria qualquer coisa por dinheiro? Quer dizer que se lhe fizesse uma boa proposta deixaria, meu irmão em paz?

Sentiu como se houvesse sido apunhalada. A dor só diminuiu ao constatar que, caso Ryden tivesse a mínima consciência de quem ela era, nunca faria tal oferta. Mesmo assim não queria mais suportar tanta humilhação.

— A única coisa que estou insinuando é que você e o seu dinheiro sujo sumam da minha frente. Na verdade, gostaria de não vê-lo nunca mais. Ah, tem mais um detalhe: não me esperem para jantar hoje!

— Não pense que sou tão tolo quanto meu irmão, que acredita em tudo que você diz. Sei muito bem como funciona sua mente diabólica.

Jennifer não imaginava em quê Ryden pudesse estar pensando. Mas não se importava, não pretendia descobrir.

— Não me amole, Sr. Ryden Kilbane — falou irada. — Não descerei para jantar, mesmo!

— Fique certa de que não vai fazer refeição nenhuma aqui neste quarto. Eu não permitiria que Noel fosse apanhado nessa armadilha e ficasse a sós com você, quando viesse lhe perguntar a razão de sua ausência.

— A minha intenção não era essa.

— Claro que não. Nem por um minuto considerou a oportunidade de passar algumas horas agradáveis com ele, aqui neste quarto, não é?

— Isso é um absur... — Subitamente, Jennifer se deu conta de que aquele comportamento não a levaria a nada e resolveu mudar de tática. Quando voltou a falar, a voz assumiu um tom doce e insinuante. — Muito engraçado ouvir isso de você. Como pode culpar Noel, sabendo que se não fosse pelo meu joelho você mesmo teria desfrutado tais horas agradáveis em seu apartamento. Lembra-se?

— Pelo que me lembro, você também queria muito...

— É que não pude resistir a esse seu charme fatal — revidou ela, irônica.

— Com ou sem charme, minha querida — a ironia não pertencia só a Jennifer — você queria mais, muito mais...

Agora, ciente do verdadeiro sentimento que nutria por ele, precisava admitir que Ryden estava coberto de razão. Contudo, não deu o braço a torcer. Assumiu a defensiva e concluiu enfática:

— Eu não respondia por mim naquele momento.

— E agora, responde?

Na verdade ela nem sabia ao certo quem era. Mesmo tendo eliminado a hipótese de que o amava, não lhe parecia explicação suficiente para essa pessoa em que se transformava. Não reconhecia sua própria maneira de agir nem de pensar.

Porém, não havia gostado da insinuação maldosa e sentiu-se na obrigação de lhe mostrar que, à medida que se recuperava do acidente, tornava-se mais segura de si. Nunca mais fraquejaria e nem cairia nos braços dele como naquela noite!

— Agora é diferente. No seu apartamento eu...

O resto da frase ficou por ser dita. As palavras que tinha prontas morreram em seus lábios, quando viu Ryden se aproximar. Ao fitá-lo, Jennifer leu nos olhos cinzentos que ele desistira de tentar lhe extrair a verdade por meio de palavras.

Cuidadosamente, Ryden lhe tirou a bengala das mãos e a abraçou.

Ela engoliu em seco, não conseguindo protestar. Ao ver-lhe o rosto tão próximo, concluiu que a arrogância com que o tinha tratado, enquanto se insultavam a distância, havia feito com que ele decidisse que só restava uma maneira de obter a informação que desejava.

Os lábios de Ryden estavam colados aos dela antes que pudesse detê-lo, o que não a impediu de tentar empurrá-lo. Mas, com a falta de equilíbrio por causa da perna machucada, não obteve muito sucesso.

— Pare com isso! — ordenou inutilmente, quando ele começou a beijar-lhe o pescoço. Nunca mais o desejaria e nem perderia o controle como naquela noite.

— Só quando eu decidir — Ryden respondeu com a voz rouca, demonstrando que nada o deteria.

Jennifer tornou a empurrá-lo com força e quase caiu.

— Deixe-me carregá-la — ironizou ele, quando ela segurou-se em seu braço. Não esperou ouvir a permissão, pegou-a no colo e levou-a para a cama.

— Quer fazer o favor de... — Ela não chegou a completar a frase, pois Ryden de novo a beijava.

— Com prazer. — Ele se afastou para responder e mais uma vez a beijou, enquanto lhe acariciava o ombro sob o roupão.

Ao sentir-lhe as mãos ousarem na direção dos seios, a determinação de Jennifer cresceu.

— Seu estúpido.

— Beije-me, doçura.

— Nunca! Nem que...

Como se aquela negação o desafiasse, Ryden investiu com mais avidez sobre os lábios trêmulos que via diante dos seus.

Não se pode precisar quanto tempo Jennifer passou se concentrando em não ceder. A cada beijo, cada carícia, pensava em desistir de continuar lutando, contudo, tinha esperanças de que ele logo se cansasse, admitindo a derrota. No entanto, Ryden não parava. As emoções começaram a confundir-se e Jennifer sentiu brotar no seu íntimo o mesmo fogo que já a invadira uma vez.

Não conseguiu mais negar a si mesma que ardia de desejo por Ryden, perdeu as forças, cessou de se debater. Afinal, era humana...

Ao sentir-lhe de novo o contato dos lábios, não os rechaçou. Ao contrário, voluntariamente os recebeu, em submissão e convite. Perdeu o senso da realidade, esquecendo-se de tudo, exceto dos carinhos e dos beijos intermináveis e sedentos pelos quais tanto ansiava.

Surpreso, Ryden afastou o rosto por um segundo e Jennifer entrou em pânico, julgando que ele fosse puni-la, abandonando-a. Num impulso, abraçou-o, enterrando os dedos nos cabelos macios, oferecendo a boca para que novamente a beijasse.

Ryden correspondeu, tão descontrolado quanto ela. Escorregou a mão para os seios firmes, acariciando-os.

— Oh, Ryden — murmurou Jennifer, sentindo todo o corpo latejar à medida que as carícias tornavam-se mais ousadas e exigentes.

Já havia quase perdido a razão, entregando-se às emoções, quando, com delicadeza, ele tirou-lhe o roupão e começou a percorrer seu corpo com os lábios, beijando-o com suavidade.

Estava a ponto de implorar que a possuísse, quando a mão de Ryden passou a tocar-lhe o ventre, o sexo e as coxas macias.

— Oh, Ry... — sussurrou ela, com a respiração entrecortada, sem se dar conta de que havia pronunciado o nome da maneira como só Noel o chamava.

Não demorou muito a perceber que cometera um erro terrível. Os carinhos cessaram e, quase imediatamente, Ryden estava em pé ao lado da cama.

Jennifer demorou a ligar os fatos e ainda tinha o brilho da paixão nos olhos, quando se virou para fitá-lo. Para sua surpresa, não viu o mesmo desejo refletido nos dele. Aquela constatação a trouxe de volta à realidade.

Não havia nenhuma emoção estampada naquele rosto, não havia nada, apenas frieza. A mesma expressão distante a que estava acostumada. Não queria acreditar no que os olhos de Ryden lhe diziam, não se conformava.

No entanto, foi forçada a ouvir as palavras pronunciadas com desdém.

— Você é a mesma pessoa que quase foi minha no apartamento em Londres, querida. Acabou de prová-lo. Assim como também ficou claro que Noel não é o único homem para você, como insiste em afirmar.

O que Jennifer sentia por Ryden faria com que correspondesse a qualquer desejo dele, entretanto, o clima mágico havia sido destruído. A insensibilidade daquele homem transformara um ato de amor numa coisa vil, mesquinha.

Ele ainda fechou com chave de ouro.

— Você seria minha ou de qualquer um, se pudesse tirar proveito disso, Gypsy.

Jennifer não conseguiu vê-lo sair do quarto. Seus olhos estavam turvados pelas lágrimas, que começaram a brotar, incontrolláveis.

Uma hora mais tarde, Jennifer ainda sentia os efeitos daquela cena degradante da qual participara. O único consolo constituía em saber que, apesar de ter chegado ao ponto em que tinha chegado, Ryden não obtivera nenhum indício quanto ao segredo dos verdadeiros sentimentos dela. Estava protegida.

Depois de algum tempo, a dor foi sendo substituída pela raiva, ao pensar em como ele havia sido cruel, saindo daquela maneira sem lhe dar nenhuma explicação.

Movida pela revolta, tomou uma decisão: de qualquer maneira desceria para jantar. Estava disposta a enfrentar o inimigo cara a cara, mesmo que ele a ameaçasse.

O sangue ainda fervia em suas veias, quando, poucos minutos antes das oito, saiu do quarto. Na certa, desta vez Ryden não apareceria para escoltá-la até lá embaixo, mas, como não queria se aproximar dele nunca mais, ficou contente com isso.

Tentou afastar a lembrança de como haviam ficados próximos, de como tinha sido maravilhoso ficar nos braços dele. A cada passo, criticava-se por ter fraquejado.

A despeito da forma como a deixara e de tê-la envolvido em carinhos só com a intenção de provar que continuava a mesma pessoa que havia conhecido no

apartamento em Londres, Jennifer sabia que ele a desejava. Nenhuma mulher se enganava quanto a essa questão. Sim, Ryden Kilbane estava louco para fazer amor com ela. Aquele idiota...

Ao se aproximar da sala de visitas, a porta se abriu, interrompendo a lista de adjetivos que, mentalmente, dedicava a ele.

Noel saiu, seguido por Ryden.

— Já ia buscá-la — disse o irmão mais moço.

— Então adivinhei — replicou ela, com um sorriso. Quando o Sr. e a sra. Kilbane saíram da sala, Jennifer se dirigiu ao inimigo.

— Olá, Ryden. Viu como progredi? Daqui a pouco consigo subir os degraus, dois a dois.

Desviou o olhar para cumprimentar os pais dele, mas manteve-se atenta e notou quando Ryden levantou as sobrancelhas em sinal de surpresa, estranhando seu comportamento. Em vez de lhe bater com a bengala na cabeça, que era o que bem merecia, ela agia como se nada tivesse acontecido.

Naquela noite, durante o jantar, Jennifer manteve a imagem de uma hóspede satisfeita em uma casa adorável. Participou de todos os assuntos, conversou animadamente com o casal Kilbane e tratou Noel e Ryden da forma mais normal possível. Dirigia-se ora a um ora a outro, sem favorecer nenhum em particular.

Ao fim da refeição, não passaria pela cabeça de ninguém, nem mesmo de Ryden, de quem percebeu um olhar de total perplexidade, a profunda indignação que Jennifer carregava em seu íntimo.

— Não vai direto para seu quarto esta noite, Jennifer? — perguntou a sra. Kilbane.

Sabendo que Ryden esperava uma resposta afirmativa, naturalmente por pensar que ela procurava uma chance para se ver a sós com Noel, Jennifer contrariou-o.

— Gostaria de ficar mais um pouco e lhes fazer companhia, se não se importam.

— Minha querida — respondeu a anfitriã, dando-lhe o braço — é um prazer ter uma companhia feminina nesta casa, onde predominam os homens.

Dirigiram-se todos juntos à sala de estar.

Jennifer não podia afirmar exatamente quando, mas, durante a uma hora ou mais que se seguiu, a raiva passou. O tempo, que começara se arrastando quando o Sr. Kilbane a ajudou a sentar no sofá, de súbito passou voando. Conversaram sobre os mais variados assuntos e ora todos participavam, ora a sra. Kilbane se dirigia a ela, enquanto os homens falavam sobre microcomputadores.

Às dez e meia, Jennifer se deu conta do quanto lhe agradava estar fazendo parte de uma noite em família, mas achou melhor se retirar. Afinal, o objetivo não era se divertir, tinha descido com o intuito de mostrar a Ryden que ele não era tão importante assim.

"O recado já foi dado", disse a si mesma, tentando recuperar um pouco da indignação. Olhou o relógio.

— Nossa, como é tarde. Acho que vou subir.

Noel mostrou-se contrariado.

— Já? Ainda é tão cedo...

— O médico recomendou que Jennifer dormisse bastante. — Ryden interrompeu.

Era mentira. O Dr. Oliphant dera instruções para que repousasse por apenas dois dias, período que já havia cumprido. Ao dizer aquilo, Ryden se traiu, demonstrando o quanto a queria longe da família.

— Ryden tem razão. — Jennifer respondeu com um sorriso que escondia muito bem sua raiva. — Quanto mais eu descansar, mais depressa me recuperarei e estarei apta a retomar meu ritmo de vida normal. — Depois que ela se despediu do Sr. e da sra. Kilbane, Noel se ofereceu para acompanhá-la até o quarto.

— Por favor não, Noel, obrigada. Eu me poupei demais esta tarde e acho que preciso de um pouco de exercício.

Orgulhosa de seu desempenho, Jennifer ainda se congratulava quando, já tendo galgado os degraus da escada, alcançou o hall. Quase chegando ao quarto, escutou passos atrás de si. A satisfação desapareceu como num passe de mágica.

Era ele, obviamente. Ao alcançar a porta, parou, sem coragem para entrar. Virou-se devagar, dizendo a si mesma, inutilmente, que aquele homem só merecia seu ódio, que não havia razão para ficar naquele estado, trêmula como uma adolescente boboca. "Jennifer Cavendish! Onde está o seu amor-próprio?!" Não adiantava. Ryden tinha o poder de destruir-lhe todas as defesas.

— Desculpe, se não o convido a entrar — disse séria, rezando para que a voz saísse firme. — Estou realmente precisando de um pouco de sossego.

— O que aconteceu com aquela doce criatura, que nos deu boa-noite alguns minutos atrás?

Apesar de não querer começar nenhuma discussão, Jennifer não ia permitir que zombasse dela.

— Quero que fique bem claro, Sr. Kilbane, que embora não me importe o mínimo

com o que o senhor pensa, prezo e respeito seus pais. Acredite ou não, não suportaria magoá-los.

Não esperava que ele fosse mudar de comportamento por causa do que dissera, portanto, não ficou desapontada ao ver que, apesar da ironia ter desaparecido, não parecia ter conseguido emocioná-lo.

— Então o que vimos lá embaixo foi uma representação da senhorita doçura, em respeito a meus pais? Bem, pelo menos isso. Tem juízo suficiente para não causar desgosto a dois pobres velhinhos.

Finalmente, Ryden conseguira encontrar algo a favor dela! Deu um suspiro e segurou na maçaneta a favor da porta.

— Estou cansada, Ryden. Se tiver algo a dizer, diga logo para que eu possa...

— O joelho está melhor? — perguntou ele, de repente.

— Melhorando a cada dia, mas acho que ainda não posso participar de nenhuma maratona.

— Mostrou muita garra ao se esforçar para andar sozinha hoje. Entretanto, acho que ainda não está pronta para ficar sozinha, sem ninguém para ajudar.

Jennifer ainda não se dera conta de que não tinha outra opção, mas, por mais que tentasse, não conseguiu imprimir à voz a insatisfação que desejava.

— Bem, isso é o que...

— Isso significa que não vou levá-la para casa, quando for para Londres amanhã. Vai ficar aqui, não existe outra solução.

— Meu Deus! Não está falando sério, está? Vai se arriscar a me deixar aqui, sem que você e Noel estejam presentes?

— Existem momentos em que eu gostaria de massacrá-la.

Jennifer não ficou para ouvir o resto. Entrou no quarto e bateu a porta com toda a força, jogando-se em seguida na cama, soluçando. O que aquele homem ainda queria dela? Não parava de agredi-la e também não a deixava partir!

CAPITULO VIII

Deitada em uma espreguiçadeira, tomando o sol da tarde, Jennifer não conseguiu se lembrar de outra segunda-feira em que o tempo tivesse passado tão devagar. No entanto, sabia muito bem o motivo: Ryden não estava em Broadhursts Hall.

Tentou prestar atenção ao livro que lia, mas a concentração era impossível. Os pensamentos teimavam em se fixar no homem que lhe roubara o coração. Ainda que

brigassem, que estivesse magoada e mesmo ciente de que ele a odiava, a ausência de Ryden fazia a vida perder o interesse.

Achou que estava sendo ingrata com todos os que se esforçavam para que tivesse um dia agradável e que haviam procurado alegrá-la. Logo ao acordar, tinha se deparado com a Srta. Stow, que viera lhe trazer o chá. Imediatamente sentiu um vazio no coração, quando esta lhe comunicou:

— Agora que os dois trabalhadores da casa se foram, podemos nos concentrar em você.

Depois de trocar as bandagens e arrumar-se, descera disposta a desculpar-se com a dona da casa por ainda permanecer lá. Mas a anfitriã nem quis ouvir-lhe as explicações.

— Bobagem, querida. Eu mesma pedi a Ryden ontem à noite que fosse procurá-la, a fim de reforçar o convite que lhe fiz outro dia. Fiquei satisfeítíssima quando, hoje cedo, ele me contou que você havia aceitado.

"A Sra. Kilbane não conhece os fatos", Jennifer pensou com ironia. Aos olhos dela, Ryden tratava a hóspede com extrema gentileza...

Não tocaram mais no assunto quando a anfitriã foi se juntar a ela no jardim. A conversa tomou outro rumo:

— Clifton está na garagem, bisbilhotando embaixo do carro. Acho que de certa forma isso lhe alivia a frustração de, por enquanto, não poder dirigir.

Jennifer entendia muito bem a atitude do Sr. Kilbane. Nada mais desagradável do que sentir-se inútil, impossibilitado de exercer atividades.

— E a senhora, não dirige? — Perguntou a Verônica.

— Nunca consegui ser uma boa motorista. Meu marido jura que os cabelos dele eram da cor dos de Ryden, antes de tentar me ensinar a dirigir. Felizmente para a hipertensão de Clifton, acabei desistindo.

Como tivessem muito o que conversar, pois havia grande afinidade entre as duas, às seis e meia ainda se encontravam papeando animadamente no jardim. Nos poucos momentos em que ficavam em silêncio, a mente de Jennifer divagava e voltava a concentrar-se em Ryden. Lembrou-se dos cabelos negros a que a mãe se referia e de que não os veria antes de sexta-feira. Pensou que até lá deveria ter voltado ao chalé.

Gostaria de partir antes que ele chegasse, mas, considerando-se que Stanton Verney ficava a alguns quilômetros de distância e era muito longe para ir até lá andando, principalmente com a perna machucada, concluiu que tinha um problema de

difícil solução.

Imaginava se a governanta saberia dirigir e se havia alguma possibilidade de o Sr. Kilbane emprestar o carro, quando o barulho de alguém se aproximando interrompeu-lhe a seqüência de pensamentos.

Ao se virar para a direção de onde vinham os passos, achou que devia estar com alucinações. Viu Ryden, vestindo um terno cinza com uma pasta na mão como se tivesse acabado de sair do escritório. Aquela visão lhe causou um choque, pois julgava que nunca mais fosse encontrá-lo. As emoções se misturaram, mas o coração transbordou de alegria.

Jennifer ficou tão feliz com aquela súbita chegada que nem se deu conta do olhar que a Sra. Kilbane lhe dirigiu ao lhe devolver o livro que, com o susto, havia deixado cair no chão.

Se a gentil anfitriã tinha alguma dúvida quanto aos sentimentos que a hóspede nutria pelo filho mais velho e vice-versa, agora já a perdera. Dirigiu-se a Jennifer com uma expressão maliciosa no rosto.

— Raríssimas vezes Ryden veio para casa na segunda à noite. Creio que tem algo a ver com o fato de você estar aqui, não acha?

Jennifer estava tão distraída que nem ouviu a pergunta. Ficar frente a frente com Ryden, após ter passado o dia pensando nele, fê-la esquecer-se até de como tinha se sentido magoada da última vez em que conversaram. Por um momento chegou a achar que a suspeita da Sra. Kilbane tivesse fundamento e, quando ele parou perto delas, não pôde evitar um sorriso cheio de ternura. Seus olhos verdes continuaram brilhando ao cumprimentá-lo e pensou que o coração fosse explodir, quando ele a fitou por alguns segundos que pareceram horas.

Antes que Jennifer pudesse se refazer da comoção e conseguisse falar, Ryden se dirigiu à mãe de forma casual:

— Onde está Noel?

— Noel? — estranhou a Sra. Kilbane.

— Não voltou para casa?

Ela negou com um gesto de cabeça.

— Deveria ter voltado?

— Bem — Ryden mostrou-se confuso —, é que ele saiu mais cedo do escritório e pensei...

O que quer que tivesse imaginado, Jennifer não queria saber. Ao ouvir aquelas

palavras foi como se recebesse um jato de água fria em suas fantasias. O sorriso desapareceu quando se deu conta da própria ingenuidade. Era uma completa idiota ao pensar que Ryden estivesse contrariando os hábitos por causa dela. Era por causa de Noel que tinha voltado, com o único propósito de se certificar de que o adorado irmãozinho não cairia de novo nas garras daquela que considerava a mais baixa das criaturas. Quando voltou a si, a Sra. Kilbane falava.

— Só jantaremos às sete e meia. Quem sabe Noel chega até lá?

Jennifer achou que o momento seria propício para dar a Ryden a impressão de que aquele sorriso de boas-vindas lhe havia sido dirigido por pura consideração à sua mãe. Olhou-o com frieza.

— Já que Noel não avisou que vinha, pode ser que tenha combinado um encontro com alguém em outro lugar qualquer. — disse Ryden.

O jantar não foi muito agradável para Jennifer. Cada vez se tornava mais difícil disfarçar a decepção de constatar que Ryden, mesmo a tomando por outra pessoa, não a aceitava sequer como cunhada. Afinal, ele já tivera tempo suficiente de conhecê-la e descobrir por si mesmo que ela não pertencia à mesma categoria de mulheres como Gypsy.

Fez o possível para sorrir e conversar durante a refeição a fim de que ninguém notasse os duros momentos por que passava. Entretanto, uma vez terminado o jantar, sentiu-se sem forças para continuar a representar, como havia feito na noite anterior.

Antes de lhes comunicar a decisão de retirar-se, ouviu a anfitriã dizendo que ela e o marido estavam seguindo uma novela de televisão e que, para não aborrecer os demais, iam vê-la na sala da lareira.

Percebendo a intenção da gentil senhora, de bancar o cupido, pois era óbvio que nunca seria tão indelicada a ponto de desprezar-lhes a companhia, Jennifer ficou sensibilizada. No entanto, sabia que seria uma tentativa.

Sorriu embaraçada e desejou-lhe um bom programa. Certa de que Ryden também se dera conta do propósito da mãe, procurou não ficar muito tempo a sós com ele, esperando apenas que saíssem para se levantar.

Dirigiu-se à porta sem dizer sequer boa-noite. Mas como ainda andava muito devagar, quando a alcançou, Ryden já a tinha aberto. Passou por ele mancando e continuou em direção à escada, percebendo que estava sendo seguida.

Ele tentou fazê-la morder a isca:

— Meu irmão não chegou a tempo para jantar.

— Eu notei.

O olhar de Ryden foi a única pista para Jennifer perceber como ele ficara decepcionado com a resposta lacônica.

— O que significa que pode estar certa.

— Como assim?

Mesmo desapontado com a reação passiva dela, Ryden explicou:

— Pode ser que tenha ido encontrar alguém.

— Então, boa sorte para ele. — Sabendo exatamente onde Noel estava e com quem, Jennifer deu um largo sorriso.

Ryden começava a ficar irritado com aquele comportamento indiferente e o demonstrava pela forma como pressionava os maxilares. Jennifer previa que a qualquer instante seria sua vez de se enervar e resolveu subir. Entretanto, ele a segurou pelo braço.

Vendo-se forçada a parar, virou-se, mostrando-se impaciente.

— Parece que não está com sorte, não é? — começou ele. — O plano de conquistar o sócio majoritário foi por água abaixo... — Jennifer tentou se soltar e ele a segurou com mais força. — E perdeu a chance de se contentar com o gerente de vendas.

Jennifer fez o possível para manter a calma e respondeu com cinismo:

— Nesse caso, é melhor eu ir para casa. Não acha?

Ao ouvir estas palavras, Ryden enfureceu-se, largou-a com brutalidade e deu-lhe as costas. Antes de sair, no entanto, completou:

— Não vai a lugar algum sem minha permissão, senhorita Cavendish.

No silêncio da noite, enquanto todos dormiam, Jennifer rolava na cama, procurando entender a reação de Ryden ao afirmar que ela não iria a lugar algum sem permissão. Concluiu que ainda não estava muito certo de que ela havia perdido as chances de reatar com Noel. Caso contrário, considerando-se que se recuperava a olhos vistos e que já não precisava de alguém para carregá-la, que outro motivo teria para mantê-la em Broadhurst Hall? Só podia ser para vigiar o relacionamento dela com o irmão.

Desesperada por perceber que o ódio por Ryden logo desaparecia, Jennifer decidiu que precisava arrumar um meio de sair daquela casa o quanto antes. Do contrário, aquele amor lhe traria ainda mais dissabores.

Quando, uma hora e meia mais tarde, ouviu o barulho de um carro, achou que havia encontrado a resposta. Era Noel — deduziu. Escutou-o entrar e subir as escadas.

Quando ele passou pela porta do quarto, ela já tinha todo o plano em mente.

Sabia que os irmãos sairiam cedo na manhã seguinte e que iriam para Londres. Portanto, mal raiou o dia, já se encontrava vestida e atenta ao som de cada passo.

Ouviu Ryden passar, mas não era por ele que esperava. Dez minutos mais tarde, outra pessoa, de quem não reconheceu o andar com tanta facilidade, se dirigiu para a escada. Quando, por fim, concluiu que se tratava de Noel, saiu do quarto, mas precisou se debruçar na amurada, pois ele já se encontrava quase lá embaixo.

— Noel! — sussurrou e, ao ver que ele não se virava, tentou descer o mais rápido que pôde.

Agradeceu a Deus quando, na segunda vez que o chamou, o viu subir para encontrá-la.

Pensando que o motivo do chamado urgente fosse outro, começou a se desculpar.

— Tentei ficar a sós com você no domingo, mas Ry não deu um minuto de folga. Não que tivesse muito a lhe contar sobre a conversa na biblioteca. Ele nem me deixou elogiar as qualidades de Gypsy e não acreditou que ela tivesse falado sem pensar durante a discussão naquele dia.

Jennifer, aflita, queria explicar-lhe o verdadeiro motivo, mas ele estava tão embalado na narrativa que nem percebeu.

— Como não gostaria de piorar ainda mais a situação, insistindo no assunto, não disse muita coisa, disse apenas que continuava apaixonado e que não iria des...

— Escute Noel, não é sobre isso que quero lhe falar.

Finalmente, ele lhe deu atenção. No entanto, Jennifer reparou no aspecto abatido dele e concluiu que não fora a única a passar a noite em claro. Achou que estava sendo egoísta e mostrou-se interessada pelo problema do rapaz.

— Como foi o encontro com Gypsy?

— Nem queira saber, não podia ter sido pior. Embora tenha parecido contente em me ver, quando saímos para jantar e perguntei... — Noel fez uma pausa para criar coragem e notou que Jennifer estava irrequieta. — Se começar a falar, vou ficar aqui o dia inteiro. O que queria me perguntar? Se pode parar de fingir que é Gypsy?

— É, isso também. Antes gostaria de lhe pedir uma carona até Stanton Verney. Falei com Ryden e ele se recusou a me levar.

Ao saber que o irmão não havia permitido que ela fosse embora, Noel deduziu que era para continuar a vigiá-la.

— Oh, Deus! Então precisamos continuar com o nosso trato. Se ele continua

querendo seguir seus passos é porque anda me vigiando também. Vai estragar tudo entre Gypsy e eu, tenho certeza...

— Acho que você exagera, Noel.

Ele fez um gesto de cabeça, demonstrando com ar cansado que não estava certo de mais nada. Todavia, vendo a expressão triste de Jennifer, deixou de lado suas próprias preocupações

— É por isso que está tão infeliz? Tem saudade de casa?

— Você me levaria? — ela desviou o assunto, pois não queria que ninguém soubesse a verdadeira razão.

Após checar mentalmente os compromissos, Noel propôs:

— Tenho algumas reuniões inadiáveis esta manhã, mas posso estar aqui lá pelas duas. Tudo bem para você?

Foi como se Jennifer tirasse um peso das costas. Um sorriso de agradecimento iluminou-lhe o rosto.

— Ótimo, te espero.

— Sabe que você é um amor? — Ele lhe deu um beijo de despedida. — E não digo isso só pelo que tem feito por mim. Por que não me apaixonei por você em vez de me apaixonar por Gypsy?

— Suponho que ainda pretenda trabalhar hoje. — Uma voz rude vinda da sala cortou toda a alegria do momento. — Faça o favor de se apressar.

Jennifer olhou para lá a tempo de ver o rosto transtornado de Ryden, antes que ele saísse bufando. Ouviu-o batendo a porta do carro e ficou triste por presenciar aquela cena. Mesmo deixando de lado as próprias razões, constatou que precisava sair logo daquela casa, pois sua presença em Broadhurst Hall estava até causando desentendimentos entre irmãos que sempre haviam sido tão unidos.

Passou momentos terríveis decidindo-se como ia dizer à sra. Kilbane que partiria. Depois de todo o carinho e atenção que tinha recebido da anfitriã, era uma ingratidão insistir em voltar para casa.

A reação da Sra. Kilbane provou que ela não era apenas uma meiga e terna velhinha, mas uma mulher muito compreensiva e perspicaz. Jennifer não se estendeu muito em explicações, só lhe disse que como o joelho estava quase bom, Noel iria levá-la para Stanton Verney à tarde. — Noel? — perguntou ela, estranhando. Mas depois disfarçou a curiosidade, contando que o marido ocasionalmente fumava um cigarro escondido e que ela se habituara a, todas as noites, quando ele já dormia, checar se não

havia nenhuma ponta acesa pelo caminho. Mas depois, não resistindo, acrescentou: — Ontem, quando cheguei à biblioteca sem fazer barulho, surpreendi Ryden com um copo de uísque na mão e um ar aborrecido, como se alguma coisa estivesse lhe atormentando o coração.

— Eu... ele... — Atarantada, Jennifer a olhou sem saber o que dizer.

— Tudo bem, querida. Não precisa me explicar nada. Creio que enquanto Clifton e eu assistíamos ao seriado, vocês tiveram uma pequena discussão. Isso é normal.

Jennifer sentiu-se ainda pior por mentir para a sra. Kilbane, embora as poucas palavras que trocara com Ryden naquela noite até pudessem ser consideradas como uma discussão.

— Se acha que deve ir, não vou tentar persuadi-la do contrário. Mas espero vê-la em breve, assim que você e Ryden tenham acertado as diferenças, está bem?

Logo que Noel chegou com o carro, Jennifer viu uma caixa de provisões cheia até a boca ser colocada no porta-malas. Verônica pensava até nisso! Comovida, pensou que jamais poderia agradecer o suficiente pelo carinho que havia recebido dos pais de Ryden.

Foram juntas até o automóvel, e a gentil senhora insistiu para que ela ficasse com a bengala. Jennifer pôde ler no olhar da sra. Kilbane que ela sabia de seu segredo, mas que não o revelaria a ninguém. Com um ar tristonho, a anfitriã lhe deu um abraço e um beijo de despedida. Depois, sussurrou-lhe uma frase cheia de entrelinhas.

— Volte assim que puder, querida. Vou torcer para que tudo se resolva rápido.

Certa de que nunca mais poria os pés em Broadhurst Hall, Jennifer não conseguiu encontrar palavras para responder.

Felizmente, durante o trajeto, como era de esperar, Noel a distraiu contando sobre o jantar com Gypsy. Quando, a certa altura, ele pareceu confuso quanto à direção a seguir, Jennifer começou a lhe explicar o caminho do chalé.

— Admito que não me encontrava muito bem da última vez em que estive em sua casa. — Ele sorriu. — Mas acho que posso me lembrar de como chegar lá.

Já em frente ao chalé, o irmão de Ryden se mostrou um perfeito cavalheiro, levando-a para dentro e arrumando os mantimentos na cozinha.

— Posso lhe fazer um chá? — ofereceu ele.

— Não para mim, obrigada. Mas se você quiser...

Noel negou com um gesto de cabeça.

— Preciso voltar ao trabalho.

— Estou tomando seu tempo, não?

— Era o mínimo que eu podia fazer. — Depois, como se lembrasse do que realmente o preocupava, ele comentou: — Sabe, Gypsy está trabalhando em uma exposição de eletrodomésticos na cidade, de hoje até sábado.

— Vai vê-la à noite?

— Acho que sim. Às vezes penso se não seria melhor aprender com Ryden a ser mais durão. As mulheres fazem tudo o que ele quer.

Jennifer não queria saber dos casos de Ryden. Já passara por maus momentos nos últimos dias e não precisava de ciúme para piorar as coisas.

— Você e seu irmão são muito diferentes, o que funciona para um pode não dar certo para o outro, Noel.

— É, creio que tem razão. Além disso, não conseguiria mesmo passar um dia sem vê-la. Embora nem sempre isso seja possível. — Ele deu um profundo suspiro. — Na semana que vem, volto para a Franca.

— O Sr. Ducret já sarou?

— Está bem melhor e não vê a hora de começar o trabalho.

Jennifer sabia muito bem qual era a sensação de ficar na cama como uma inválida, por isso, podia entender o pobre homem.

A conversa foi breve e, olhando para o relógio, Noel se despediu apressado. Da porta, acenou sorrindo. — Eu telefono.

Era pouco provável. Jennifer sabia como Gypsy ocupava-lhe a mente e, fora o trabalho, não haveria tempo para mais nada.

Às nove da noite, sentindo-se mais miserável pelo amor não correspondido do que pela torção da perna que a impedia de andar, Jennifer resolveu ir para a cama. Achou que deitando mais cedo, se recuperaria da madrugada anterior, passada em claro. Doce ilusão. Uma hora depois, não tinha conseguido pregar o olho.

O telefone tocou, mas ela não o atendeu. Não esperava nenhum telefonema e não ia se dar ao trabalho de levantar para responder a um engano. Mas a campainha persistiu, e Jennifer decidiu se render. Levantou-se e, devagar, desceu as escadas. Enquanto atravessava a sala, continuou a ouvir aquele som ritmado, avisando que quem quer que estivesse do outro lado da linha, não ia desistir tão facilmente.

Como sempre, ao alcançar o aparelho, ele silenciou. Assim mesmo, tirou o fone do gancho. Foi mancando até a cozinha e preparou uma xícara de chá, para não desperdiçar todo o sacrifício que fizera.

A quarta-feira amanheceu radiante, mas Jennifer não deu muita importância, pois não fazia a menor diferença para quem era obrigada a ficar em casa. Tomou um banho e passou momentos penosos tentando sair da banheira. Lembrou-se da facilidade com que Ryden a levantara daquela vez e do que havia ocorrido em seguida.

Enquanto se trocava, viu que se martirizava a toa. Terminou de se vestir e desceu as escadas. Tampouco adiantava continuar alimentando a raiva que sentia por ele, pois não era assim que conseguiria arrancar de dentro de si aquele amor.

Desta vez estava perto do telefone, quando a campainha começou a tocar. Instintivamente pegou o fone e disse o número. Levou um choque ao ouvir a voz de Ryden e, por um momento pensou que o coração fosse sair pela boca. Controlou-se, julgando ser apenas imaginação. Não era.

— Suponho que esteja se achando muito esperta por ter me enganado...

Jennifer não fazia idéia do que Ryden queria dizer. Ele continuou:

— Já tinha planejado tudo, não? Mesmo quando a adverti de que não sairia de Broadhurst Hall sem o meu consentimento.

Nesse instante, recuperada do abalo, ela começou a entender. Ele havia ligado só por estar com o orgulho ferido! Furiosa, revidou com frieza.

— Se sabia que eu já tinha planejado tudo desde o começo, por que só está se queixando agora?

Ryden não respondeu e ela se lembrou de que seu número não constava da lista.

— Como conseguiu me achar?

— Não lhe interessa.

Jennifer ia desligar, mas não conseguia deixar de ouvir a voz dele por mais alguns minutos.

— Onde foi ontem à noite? — continuou ele, em um tom carregado de acusação e ódio. — Saiu com meu irmão?

Sentiu uma sensação estranha ao saber que era ele quem havia lhe telefonado na véspera, no entanto, aquelas palavras haviam provocado mais uma vez seu instinto de defesa. Não se encontrava mais disposta a suportar tantas insinuações maldosas.

— O que o fez pensar que nós saímos? — Lembrando-se do quanto lhe custara levantar-se no meio da noite, resolveu se vingar. — Há certos momentos na vida em que a última coisa que faríamos seria sair da cama, quanto mais para atender o telefone...

Por alguns segundos ainda ouviu a respiração de Ryden alterada pelo ódio. Quando ele desligou, Jennifer colocou o fone no aparelho com muita calma, constatando

que aquela era uma maneira estranha de dizer adeus para sempre.

CAPITULO IX

Na sexta-feira, Jennifer chegou à conclusão de que nunca tivera férias tão desastrosas quanto aquelas.

Sentia-se tão deprimida que pensou que nunca mais fosse conseguir se recuperar. Não conseguiu se conformar com o fato de que Ryden pudesse odiá-la tanto. Ele nem ao menos se importava em checar se a realidade correspondia à imagem monstruosa que havia feito dela.

Jennifer decidiu que não se entregaria. Viu que ia precisar reunir todas as forças para sair do fundo do poço em que se encontrava. O primeiro passo era não pensar em nada relacionado a Ryden, o que se mostrou uma tarefa quase impossível.

Com o joelho melhorando a cada dia, logo, logo ia se encontrar em plena forma física. O mais difícil seria sobreviver ao fim de semana, pois na segunda-feira suas férias terminavam e ia precisar retomar o antigo ritmo de vida. Não teria tanto tempo ocioso para ficar se amargurando com Ryden.

"Mesmo assim", pensou, "até lá o joelho não vai estar suficientemente recuperado para pressionar os pedais do carro, vou ter que..."

— O carro! — exclamou em voz alta.

Tantas outras coisas a tinham preocupado nesse período, que se esquecera por completo de que o havia deixado em Londres.

Jennifer passou meia hora tentando se convencer de que não era tão grave assim e de que não precisava do automóvel. Estava disposta a deixar o carro lá para não ter que falar com Ryden outra vez.

Entretanto, acabou tendo que reconhecer que alguns problemas haviam ficado sem solução. O principal deles era o de como chegar ao escritório da Laffard às nove da manhã. Apesar de o vilarejo de Stanton ser um lugar muito agradável, tinha alguns inconvenientes: ficava longe da cidade e o serviço de transporte era praticamente inexistente. Portanto, uma pessoa para morar ali precisava de condução própria. Não existia outro jeito, por mais que quisesse evitar, seria obrigada a de novo entrar em contato com aquele homem odioso.

No meio da tarde, Jennifer não chegara a nenhuma conclusão sobre como fazê-lo. Voltar a falar com ele seria reabrir as feridas ainda não cicatrizadas, resultantes da

última conversa que tiveram, e relutava em passar por isso. Lembrou-se então de que, certa vez, ele havia mencionado que mandaria alguém entregar-lhe o carro, e foi até a janela, esperando por um milagre.

Achou que a fixação por Ryden diminuía-lhe a capacidade de raciocínio quando, minutos depois, ocorreu-lhe uma solução extremamente simples.

Alguns segundos mais tarde, discava o número da Kilbane Electronics, que conseguira através da lista telefônica.

— Gostaria de falar com o Sr. Noel Kilbane, por favor.

Ficou nervosa enquanto esperava, com medo de que a pessoa chamasse Ryden. Chegou a ficar gelada, ao pensar nesta possibilidade. Entretanto, a sorte parecia não querer ajudá-la. A secretária lhe comunicou que Noel não se encontrava no escritório. — Se quiser, pode deixar o recado, mas creio que ficará em reunião até o fim do expediente. É pouco provável que volte para cá.

— Tentarei encontrá-lo em casa mais tarde — Jennifer mentiu.

Passou horas quebrando a cabeça para encontrar outra solução. Na certa, Ryden tinha se esquecido da promessa que lhe havia feito, e estaria a caminho de Broadhurst Hall naquela noite. Se não agisse rápido, nenhuma providência seria tomada até segunda-feira pela manhã.

De repente, ocorreu-lhe a idéia de que talvez Noel tivesse decidido tomar um banho antes de se encontrar com Gypsy Pouco antes das sete, chamava a telefonista para saber o número do apartamento de Londres.

Para seu alívio, logo atenderam. Porém, ficou paralisada ao perceber que a voz não era de Noel.

— Alô! Alô! — Ryden repetiu várias vezes, intensificando o tom irritado.

— Aqui é... Jennifer — respondeu ela, num impulso. — Gostaria de falar com Noel.

Ele foi sarcástico ao retrucar:

— Decepcionada por não ouvir a voz dele, queridinha? Meu irmão saiu no meio de uma reunião, para ter mais tempo para encontrá-la.

— Bem, então deve ter ficado preso no trânsito. É que vivo esquecendo de pedir a Noel que traga meu carro e estava ligando para lem...

— Ah! Quer dizer que os dois ainda encontram tempo para conversar? — Ryden riu — Será que é nos intervalos?

Jennifer não esperou mais.

— Até logo, Ryden. — Bateu o telefone.

No entanto, ele não ouviu, pois havia desligado primeiro.

Como não conseguia pensar em mais nada, Jennifer foi comer alguma coisa, tentando imaginar um meio de chegar ao escritório na segunda-feira.

Na manhã seguinte, ainda não tinha encontrado uma resposta, quando, ao descer, ouviu um carro estacionando em frente ao chalé. Ao atender a porta, teve a maior surpresa da vida.

Lá estava seu automóvel, seguido pelo de Ryden, que tinha os olhos fixos nela. Ficou tão nervosa que quase esqueceu-se de cumprimentar Noel.

— Olá, amor — ele a saudava.

Quando se abaixou para beijá-la, Jennifer percebeu que ele queria que continuassem com a farsa.

— Entrem um pouco. — chamou ela, dando um passo para trás. Chegou à conclusão de que Ryden viera junto para dar uma carona ao irmão, provavelmente, para Broadhurst Hall.

Ryden entrou na sala sem dizer nada e Jennifer os convidou a sentar.

— Gostariam de um café? — ofereceu, ansiosa por se esconder na cozinha até passar o efeito do choque.

Todavia, Noel atrapalhou-lhe os planos.

— Deixe que eu vou, precisa poupar suas forças ao máximo. Sente-se e fique quietinha que eu já volto. — Dizendo isso, seguiu direto para a cozinha, mostrando-se familiarizado com a disposição dos cômodos, como se morasse ali.

Tal fato não passou despercebido a Ryden, que fez uma expressão de descontentamento.

Jennifer não teve outra saída senão aceitar. Por alguns segundos, fez-se um silêncio constrangedor, pois era óbvio que Ryden não estava satisfeito com a companhia. No entanto, foi ele quem o interrompeu.

— E a perna? Espero que não esteja importunando nos momentos mais impróprios.

Ela pensou como o amor era cheio de contradições. Parecia que o tempo não passava quando não o via e, agora, ao ouvir tal comentário maldoso, referindo-se àquela noite no apartamento de Londres, sentia vontade de matá-lo.

— Não se preocupe, eu sempre dou um jeito.

— O que fez com a geladeira? — Noel apareceu na porta da cozinha, intrigado.

Ainda furiosa com as provocações, respondeu sem pensar:

— Que geladeira? Nunca tive uma.

De súbito, notou o olhar perplexo de Ryden, ao perceber que Noel, supostamente um visitante muito freqüente, nunca se dera conta da falta de um objeto tão volumoso. Sobretudo levando-se em conta que a dona da casa estava machucada e que deveria ter entrado na cozinha várias vezes para lhe preparar um chá ou coisa parecida.

— O leite está na despensa como sempre, se é isso o que procura. — Virando-se para Ryden, Jennifer mudou rapidamente de assunto, na esperança de que ele não tivesse percebido o deslize. — Resolveram não ir para Broadhurst Hall ontem à noite?

— Como vê, já são duas sextas-feiras seguidas.

— Precisa tomar cuidado para não se tornar um hábito. Jennifer sorria, quando Noel entrou com a bandeja de café, mas mudou de expressão ao receber a xícara de suas mãos.

— Açúcar?

Ao contrário do irmão, Ryden sabia muito bem que ela não gostava de chá e café adoçados.

— Ainda quero afinar um pouco a cintura e preciso de mais algumas semanas de dieta. — Ela rezou para que a mentira não fosse descoberta. — A que horas sai seu vôo amanhã, Noel?

Trocaram um olhar cúmplice e Jennifer foi se acalmando, enquanto o amigo discorria sobre os planos da viagem e afirmava que sentiria não poder vê-la por toda a semana. Ainda, com a maior meiguice do mundo, acrescentou:

— Mas não se preocupe, falarei com você todos os dias, para que existe telefone, querida?

Jennifer sorriu. Então, como que para consertar os lapsos anteriores, que indicavam que não a conhecia tão bem como era de supor, Noel pôs a xícara em cima da mesa e insinuou que sairiam juntos durante todo o fim de semana.

— Já que não vai precisar do carro até segunda-feira, posso guardá-lo?

— Por favor, sabe onde fica a garagem?

Até Noel sair sentia-se bem à vontade, mas, ao se ver sozinha com Ryden, ficou sem assunto.

— Obrigada por acompanhar Noel até aqui. Foi bom terem me trazido o carro, vou precisar dele para trabalhar na segunda, de manhã. Com o serviço de ônibus tão deficiente como o que temos em Stanton Verney, não conseguiria...

— O quê?! — Ryden explodiu. — Ainda não está em condições de trabalhar! Olhe para você, não consegue nem andar sem a bengala. Como pensa que vai dirigir e ficar em pé horas a fio, em alguma feira?

Jennifer indignou-se, achando que a responsabilidade pelo acidente não lhe dava o direito de se intrometer em sua vida.

— Acontece que não vou trabalhar em nenhuma feira.

— Não me diga que encontrou algo mais lucrativo? Uma ocupação mais amena, talvez, onde fique em posição mais confortável...

Jennifer teve que se segurar para não atacá-lo.

— E se eu lhe disser que é um escritório?

— Ah, lógico! E o que é que entende desse ramo?

— O suficiente.

— Não ia durar um dia no emprego. Além do mais, quem, em sã consciência, iria contratá-la?

— A Porcelanas Laffard, por exemplo. Satisfeito?

— Acho que você vive mesmo é de pequenos expedientes, por aí.

A porta se abriu e Noel entrou. Imediatamente Ryden se levantou para ir embora. Nesse ínterim, Jennifer considerou se não tinha dito nada naqueles poucos minutos que pudesse deixar o amigo em maus lençóis. Chegou à conclusão de que não havia nada de mais no fato de Gypsy pegar um emprego temporário, até que se recuperasse para assumir o trabalho normal.

— Vejo-a mais tarde — Noel despediu-se, dando-lhe um beijo no rosto.

— Mal posso esperar. — Ela sorriu, ansiosa para que saíssem. No entanto, antes mesmo de ouvir o ronco do motor, já havia se esquecido das provocações de Ryden, e morria de saudade dele.

No domingo, Jennifer acordou e foi à garagem ligar o carro. Era frustrante admitir que Ryden estava com a razão. No momento em que pressionou o acelerador, um arrepio de dor lhe percorreu a espinha e percebeu que não iria a lugar algum na segunda-feira e, na certa, nem nos próximos dias.

Naquela tarde telefonou para a casa do chefe. Pela satisfação deste ao ouvir-lhe a voz, deduziu que as coisas não iam muito bem com a substituta no escritório.

— Por favor, Jennifer, quando tirar férias, suplico que deixe um endereço onde possa encontrá-la.

— Mas que exagero... Tenho certeza de que Ângela se esforçou para fazer o

melhor possível — replicou ela, perdendo a coragem para dizer-lhe o verdadeiro motivo do telefonema.

— Se esse é o melhor que pode fazer, não quero estar por perto quando for o pior — o Sr. Beckwith comentou, brincando, contente por pensar que no dia seguinte se livraria da novata. — Quase mandei um recado pelo rádio, pedindo para você voltar. A propósito, divertiu-se bastante?

— Para ser sincera... — Jennifer tomou fôlego, criando coragem para contar-lhe toda a história.

Alguns minutos mais tarde, desligava aliviada. O Sr. Beckwith tinha ficado tão apavorado frente à perspectiva de precisar suportar Ângela por mais tempo que se dispôs a fazer qualquer coisa para evitar que isso acontecesse.

— Vou buscá-la pessoalmente — disse.

O chefe manteve a palavra e, às oito e meia em ponto da segunda-feira, batia à porta do chalé. Era um homem muito espirituoso e logo conseguiu dela um sorriso. Jennifer sentia-se feliz por voltar ao trabalho. Porém, a esperança de afastar os pensamentos de Ryden, mantendo-se ocupada, frustrou-se imediatamente.

Sendo o braço direito do Sr. Beckwith, este a mantinha sempre bem perto para poder lhe responder rapidamente a qualquer dúvida.

Na terça-feira ficou satisfeita ao ver que, embora o Sr. Beckwith se mostrasse preocupado com sua dificuldade em se locomover, a euforia do dia anterior já tinha passado e não estava tão cheio de cuidados. Aproveitou para escapar um pouco. Pegou a bengala e disse que precisava de alguns papéis e ia buscá-los para fazer um pouco de exercício.

O Sr. Beckwith se levantou na mesma hora, oferecendo-se para fazer a tarefa, pois tinha que trocar umas palavras com John Taylor, o gerente de vendas.

— Além do mais, preciso muito mais de exercício do que você — sorriu, apontando a barriga volumosa.

Entretanto como o chefe demorasse muito, Jennifer, que precisava dos papéis com urgência para dar continuidade ao trabalho, achou que poderia ir e voltar antes que ele chegasse. Já ia se aventurar, quando o Sr. Beckwith entrou.

— Desculpe a demora, John não estava na sala dele. — Ao colocar os papéis sobre a mesa, havia uma expressão de contentamento no rosto do chefe, e Jennifer esperou para saber a razão. — Então, quando o telefone tocou, resolvi atender, pois podia ser um cliente. E era.

Jennifer sabia que se ele tivesse conseguido um bom pedido, não agüentaria guardar a notícia só para si. Provavelmente, achara divertido bancar o gerente de vendas quando, na verdade, era o dono de tudo.

Entretanto, naquele dia, pegou-o várias vezes a olhá-la de maneira estranha, com um certo ar de admiração, que a levou a pensar que o contentamento por tê-la de volta ainda não tinha arrefecido.

E não foi só na terça-feira que notou esse olhar suspeito. Na sexta, ao terminar o expediente, o Sr. Beckwith observava-a com o mesmo brilho nos olhos, enquanto ela arrumava a escrivaninha para sair. Jennifer começou a achar que devia lhe pedir um aumento, caso não se acostumassem logo com o seu retorno. Sentia-se mais do que qualificada para ganhar mais, embora nos últimos dias, de tanto pensar em Ryden, o serviço não tivesse rendido como antes.

A lembrança dos instantes em que a agressividade havia desaparecido e Ryden a beijara com paixão e desejo, teimavam em voltar com toda a nitidez. Não conseguia imaginar qual seria a reação de Ryden ao saber da verdade. Talvez, se a tivesse conhecido em outras circunstâncias, correspondesse ao seu amor.

No sábado, como fazia todas as manhãs ao acordar, Jennifer se propôs a não pensar mais nele. Foi tomar um banho, jurando que desta vez manteria a promessa.

Sentiu-se bem mais animada ao ver que, estando livre das ataduras, podia usar calça comprida outra vez. Locomovia-se com mais facilidade agora e, no dia anterior, nem precisara da bengala. Mesmo assim, desceu as escadas com cuidado.

Enquanto tomava café, decidiu que no domingo faria outra tentativa para dirigir. Quem sabe a sorte estivesse do seu lado e já pudesse ligar para o Sr. Beckwith, desincumbindo-o de ir buscá-la?

Como ainda não se encontrasse em plena forma, levou algum tempo para se arrumar, mas às dez horas estava pronta e decidida a se aventurar a ir às compras.

Assustou-se, com a sacola sob o braço, quando quase junto à porta alguém bateu. A surpresa maior foi que, ao abri-la, deparou-se com a última pessoa que esperava encontrar.

— Que rapidez — observou Ryden, os olhos cinzentos livres da costumeira hostilidade.

— É que eu estava de saída — comunicou ela, com a voz trêmula.

Ele percebeu a insinuação, mas não se moveu.

— E o joelho?

— Bem melhor, obrigada. — Não conseguia imaginar um motivo para a presença dele ali. Tanto que pretendia até fazer umas compras na vila.

Ryden ignorou mais uma vez a insinuação de que ela não tinha tempo para ficar batendo papo.

— Stanton Verney é um vilarejo muito agradável.

De repente, Jennifer caiu em si. O coração começou a bater mais forte ao se dar conta de que a visita não podia ser social. Sabia que não era do feitio de Ryden ficar com rodeios, e deduziu que já sabia de tudo. Na certa, Noel lhe contara e agora tentava encontrar as palavras certas para pedir desculpas.

— Também acho — concordou, disfarçando a emoção. Devia estar sendo difícil para Ryden se retratar e, embora tantas vezes saboreasse com antecipação o momento da vingança, agora, talvez devido ao amor que sentia por ele, estava com pena.

— Mas acho que não veio aqui para discursar sobre o lugar onde moro nem para saber como estou passando, não é, Ryden? — Tentou lhe dar uma ajuda.

Por alguns segundos, o tempo pareceu parar. O coração dela batia tão forte que quase não respirava direito.

— Tem razão. — Ryden pôs a mão no bolso, devagar. — É que minha mãe queria saber como estava se virando sozinha. Avisei que não precisaria se preocupar, mas não adiantou.

Jennifer recebeu tais palavras como um jato de água fria; de novo tinha se comportado como uma tola! Percebeu que teria sido impossível Noel ter lhe comunicado algo, visto que só voltaria de Paris no dia seguinte, e ainda não havia resolvido a situação com Gypsy.

Ryden continuou:

— Ela quer ver com os próprios olhos se você está bem, e pediu que viesse buscá-la para tomar café conosco.

— Isto é um convite para ir até sua casa? — Jennifer encarou-o, perplexa.

— Exatamente. — Ele sorriu.

No entanto, Jennifer já havia recuperado bastante a lucidez para perceber que o convite não partira dele e sim da mãe, com quem tinha concordado só por respeito. Ficou ainda mais triste ao constatar que não era por sua causa que Ryden se encontrava ali.

— Ah, que gentileza! — Ironizou, sem conseguir controlar a irritação.

— Acho que não entendi. — Ryden lhe dirigiu um olhar desconfiado.

— Não costuma entender muita coisa, mesmo. Você faria tudo para me manter longe de Noel, mas já que ele está na França, resolveu fazer as vontades de sua mãe, vindo aqui cheio de sorrisos e amabilidades, e me pedindo para ir à sua casa. — Jennifer se deu conta de que gritava e que logo a vizinhança estaria na janela para ver o que acontecia.

— Nossa, você é fogo, hein, Jennifer? — Ryden não se alterou.

Sempre descobrindo detalhes novos da sua personalidade...

Ao vê-lo sorrir de novo, ela, sentiu vontade de dizer que ainda faltava descobrir muito sobre ela, mas se conteve. Entretanto. Ryden não esperou que falasse e continuou a provocá-la.

— Parece que não obtive muito sucesso em mantê-la afastada de meu irmão, não é? Estou certo de que a linha entre Stanton e Paris se manteve ocupada durante toda a semana.

— O que há de estranho nisso?

Não gostava de mentir, mas agora não queria voltar atrás. Não pôde perceber a expressão de Ryden, pois ele olhou para o chão, contudo, achou que tinha ficado perturbado com a resposta. No instante seguinte, ele a encarou.

— Suponho então que ele lhe telefonou ontem à noite.

Confusa, sem saber o que dizer, deu um sorriso meio sem graça.

— Não precisou, eu mesma liguei para ele em Paris.

Surpreendeu-se com a mentira tão deslavada que acabava de falar, e ficou com medo da reação de Ryden. Estava certa de que a qualquer momento receberia uma resposta agressiva e não esperou para ouvi-la, pois isso estragaria seu fim de semana.

— Preciso mesmo ir. Agradeça à sua mãe por mim, mas não poderei ir até lá. Diga-lhe que o joelho está quase bom e não me atrapalha em nada. — Lembrou-se de algo e entrou por um minuto. — Vai saber que é verdade, quando lhe devolver isto. — E entregou-lhe a bengala.

Ryden não se movia. Temendo não ser capaz de manter aquele ar desafiador por mais tempo, Jennifer não teve outra escolha senão tomar a iniciativa. Precipitou-se na direção dele, forçando-o a se afastar. Então, decidida, fechou a porta do chalé.

Viu-o se dirigir ao carro e jogar a bengala no banco traseiro. Ao perceber que Ryden havia se conformado em não levá-la junto, sentiu um misto de alegria e decepção. Foi por pouco tempo; em vez de entrar no automóvel, ele dirigiu-se de novo na direção dela. O único motivo que ocorreu a Jennifer foi que Ryden queria se

despedir. Com a maior calma ele lhe tirou a sacola do braço e disse!

— Venha, te dou uma carona até a vila.

Ao notar que a vizinha saía à janela, Jennifer achou melhor aceitar, evitando assim um escândalo. Em seguida sentiu o braço forte de Ryden puxando-a para o carro.

— Bom-dia, sra. Mason — cumprimentou com um sorriso amarelo, pensando que não saberia dizer o que havia sido pior; a aparição inoportuna da vizinha ou as liberdades que Ryden havia tomado com ela.

Ainda refletia para descobrir a razão da súbita gentileza, quando viu Ryden passar direto pelas lojas e pegar a estrada para Comberford. Seria desperdício de tempo mandá-lo parar, suspirou.

— Só uma xícara de café e me traz de volta para casa certo?

— Certo, você é quem manda... — zombou ele.

— Por que isso agora? Saiba que só aceitei porque não tive escolha.

— Pode não estar gostando, mas eu a conheço bastante para saber que não demonstrará isso a meus pais.

Em outra época, Jennifer ficaria lisonjeada com tal comentário vindo de Ryden, contudo, seu mecanismo de defesa se encontrava mais do que ativado.

— Pensa que sabe tudo a meu respeito, não?

— Conforme já disse — ele começava a perder a calma —, cada dia descubro mais...

Ficaram em silêncio por alguns segundos e então ele mudou de assunto.

— Como foi o trabalho na semana passada?

— Muito ao contrário de suas expectativas. O Sr. Beckwith, que por acaso é o dono da Fábrica de Porcelanas Laffard, ficou tão satisfeito com o meu serviço que me pediu para ficar mais uma semana.

— Nossa, então deve estar precisando mesmo de uma substituta. O funcionário efetivo entrou em férias?

A resposta dele a deixou furiosa.

— É, nesta época do ano muita gente sai de férias.

— Gosta desse tipo de trabalho?

— Prefiro as feiras — mentiu ela, arriscando-se, pois não sabia nada sobre aquele assunto.

Ryden a olhou como se já esperasse por tal reação e, ao estacionar, desceu para ajudá-la.

Jennifer tentou se livrar daquelas mãos que a seguravam como se ele estivesse com medo de vê-la fugir antes que a sra. Kilbane aparecesse. Foi impossível; Ryden sabia ser insistente.

Mais uma vez ela se resignou, certa de que ele não fazia a menor idéia do que aquele contato lhe causava. Enquanto atravessavam o hall, tentou se concentrar em manter a fisionomia calma para encontrar-se com a adorável Verônica.

Ryden ainda a segurava com força, quando abriu a porta da sala de estar.

Jennifer ficou estarrecida. Quem se encontrava lá dentro não era a sra. Kilbane.

— Ainda não recebi o telefonema que me pediu para esperar — disse Noel, virando-se para eles.

Jennifer pensou que fosse desmaiar e, só depois de fechar a porta, Ryden a soltou.

— Pensei que estivesse na França.

Seguiu o olhar atônito de Noel posto ora nela, ora no irmão, como se ele também tivesse sido pegado de surpresa. Por fim se levantou e, fitando Ryden, explicou:

— A viagem teve que ser adiada mais uma vez, pois o Sr. Ducret sofreu uma recaída. Não cheguei a sair da Inglaterra esta semana.

— Você não foi pa... — Estupefata, Jennifer começou a gaguejar. Sentiu que Ryden a encarava e o pensamento retrocedeu minutos atrás, quando lhe afirmara ter falado com Noel em Paris.

Devagar, ousou encará-lo. Se existia alguma esperança de que a mentira passara despercebida, esta se desfez de imediato. Pela expressão do rosto dele, Jennifer pôde ver que ele se lembrava de cada detalhe e que não parecia nada satisfeito por ter sido enganado.

Ryden pôs as mãos na cintura:

— Será que alguém aqui pode me explicar o que está acontecendo?

CAPITULO X

O tique-taque do relógio era o único som que quebrava o silêncio que se seguiu à indagação de Ryden.

Era evidente que ele havia descoberto alguma coisa. Esperava agora ouvir a verdade que, na opinião de Jennifer, deveria partir de Noel.

Como nenhum dos dois se manifestasse, Ryden começou a ficar impaciente.

— E então? Estou esperando.

— A culpa não é de Noel.

Jennifer enfrentou bravamente o olhar de reprovação de Ryden, por defender-lhe o irmão. Estava disposta a lhe jogar na cara que parte da culpa também cabia a ele, por tê-la impedido de contar, quando se conheceram, que não era a namorada de Noel. No entanto, um pensamento a deteve: como o amigo não se manifestava, talvez ainda pretendesse levar a farsa adiante.

Ryden irritou-se. Virou-se contra ela, interpretando mal sua afirmação.

— Então, admite abertamente que a culpa é sua?

— Jennifer não tem nada a ver com isso. — Noel finalmente interveio. — Ela...

Foi interrompido pelo irmão, que não gostou de vê-lo protegendo a amiga.

— Quantas garotas namora ao mesmo tempo? — Perguntou ríspido, antes de virar-se para Jennifer. — Também a pediu em casamento, como fez com Gypsy?

O fato de Ryden ter acabado de declarar que já sabia da existência da verdadeira namorada, passou despercebido a Jennifer. O que ficou foi a impressão de que ele nem se importava se ia magoá-la ou não ao revelar que Noel havia se comprometido com outra pessoa. Feriu-lhe o orgulho constatar como significava pouco para Ryden.

Todavia, se ela não se dera conta do que acabava de ser revelado, o mesmo não acontecia com Noel.

— Você sabe que Jennifer não é Gypsy.

— Há dias.

— E por que esperou até agora para dizer? Não é de seu feitio agir assim. Pensei que fosse me matar, quando ficasse sabendo.

— Não queria mais ouvir mentiras e achei que o único jeito era pôr vocês cara a cara.

— Você armou esta cilada — Jennifer se revoltou, caindo em si. — Enganou-nos.

— Eu os enganei?! O que pensam que estiveram fazendo comigo esse tempo todo?

— Planejou tudo desde o começo. Deliberadamente me fez dizer que havia telefonado para Noel em Paris... e sua mãe nunca me convidou para vir aqui, não é?

Ela recebeu como resposta apenas um olhar frio. Sentia-se indignada, principalmente, ao lembrar que fora praticamente arrastada até ali.

— Estava determinado a me trazer aqui de um jeito ou de outro. Se fosse necessário teria me carregado aos berros para dentro do carro, não é verdade?

— Não podia permitir que vocês dois continuassem conspirando contra mim! — Ryden retrucou.

Ao ouvir estas palavras, Jennifer se ofendeu. Mesmo Ryden sabendo que ela não

era Gypsy, o juízo que fazia a seu respeito ainda não tinha melhorado. Era óbvio que a julgava uma aproveitadora, uma mulher pronta a dar o golpe do baú. Era o fim das esperanças... Nem sabendo de tudo, ele se interessaria por ela!

— Quero a verdade. — Ryden continuava desafiando-os com o olhar. — Quero que me digam o porquê de tudo isso e o que exatamente existe entre vocês dois.

Jennifer tinha pensado que já esgotara toda a angústia de amar o homem errado, mas estava enganada. Agora que ele sabia de tudo, parecia odiá-la ainda mais, e continuava não aceitando que tivesse alguma ligação com Noel. A mágoa era tanta que percebeu que não suportaria por muito mais tempo aquela situação.

Se não fosse pela dificuldade que ainda encontrava em se levantar, teria saído correndo da sala e deixado Noel respondendo ao interrogatório.

— Quero saber onde Gypsy entra nessa história, e se meu irmão pretende se casar com ela. — Virou-se, revoltado, para Jennifer. — Ou pensa que vou permitir que ele se case com você?

Sentiu-se ainda mais ferida por ele sequer se importar em revelar a todos que a odiava. Não pôde conter as lágrimas que conseguira evitar até então. Aquela última punhalada tinha sido a gota d'água.

Levantou, esquecendo-se de que havia deixado de usar a bengala apenas na véspera. A dor física não era nada comparada com a ferida aberta em seu coração. As lágrimas lhe rolavam pelo rosto, enquanto, descontrolada, tentava chegar à porta de entrada. Bateu-a ao sair.

Lá fora, só tinha um carro estacionado, e Jennifer nem se preocupou em saber a quem pertencia. Tudo o que queria era se ver longe de Broadhurst Hall o mais rápido possível. Sentou-se à direção e pôs o automóvel em movimento, mesmo antes de fechar a porta.

Ainda conseguiu ver Ryden sair apressado e gritar-lhe qualquer coisa, quando passou por ele. Mas não quis ouvir. "Dane-se", pensou, "tomara que sofra um acidente!"

Quando já havia percorrido uns quinhentos metros de estrada, começou a sair do torpor que a emoção lhe causara e a dor na perna se fez presente, obrigando-a a parar. Sem forças, irrompeu em soluços e deitou a cabeça na direção.

Mal tivera tempo de ordenar os pensamentos e reconsiderar o que acabara de fazer, quando o barulho de alguém dirigindo como louco lhe chamou a atenção. Embora tentasse ignorá-lo, o guincho dos pneus no asfalto demonstrou que o veículo parará por perto e, no momento seguinte, a porta do carro onde se encontrava foi escancarada.

— Nunca mais faça isso, ouviu? Machucou-se? — Ryden parecia doente de tanta preocupação — Você... — Você está chorando, Jennifer?

— Deixe-me em paz — respondeu ela, ríspida, enxugando as lágrimas com as costas da mão. — Por que não me esquece? Devolverei seu carro, assim que... não, pensando bem, pode levá-lo. Vou andando.

— Não seja estúpida! Pare com isso! Não vai a lugar nenhum antes de termos uma conversa.

Jennifer achava que já havia ouvido o suficiente, mas não queria deixar transparecer o quanto ele a magoara.

— Não temos nada para conversar. Noel já não lhe disse tudo?

— Não esperei para ouvir o que tinha a dizer... — Ele falou, dando a volta no carro que mostrava toda a pintura arranhada pelo impacto com a guia. Abriu a porta e sentou-se ao lado de Jennifer. — Agora, importa-se de me dizer o que está acontecendo?

Jennifer gostaria que ele tivesse mantido a agressividade, pois ao ouvir-lhe a voz calma, ficava difícil sustentar o tom de animosidade.

— O que lhe interessa? — Deu de ombros. — Pode ficar sossegado que não vou casar com Noel, mesmo que ele me peça, o que não vai fazer.

Ryden engasgou e Jennifer virou-se para olhá-lo. Teve a impressão de que estava um pouco pálido.

— Aí é que se engana. Me interessa e muito.

Sem acreditar no que ouvia, desviou o olhar para não se magoar mais. O que não conseguia entender era por que ele agora, sabendo que não seria sua cunhada, não parecia querei levá-la de volta para Stanton Verney.

— Podemos ir? — As lágrimas haviam cessado, mas ela ainda precisava da solidão para desabafar a angústia que a sufocava.

— Parece que não entendeu o que eu disse. Não vamos sair daqui até esclarecermos algumas coisas.

Como não via a hora de ficar sozinha, Jennifer deu um suspiro de impaciência.

— Diga o que quiser, mas saiba que não estou nem um pouco interessada.

— Às vezes, Jennifer Cavendish, tenho vontade de esganá-la.

— E por que não esgana? — Ela o desafiou. Faltava pouco para cair na mais profunda depressão. Sabia que o que tivesse a acrescentar só iria piorar as coisas.

— Não entendo por que me trata desse jeito...

Ela ficou sem ação. Na tentativa de se ver livre daquele sofrimento, havia se

traído. O orgulho fez com que revidasse em tom de superioridade.

— Trato-o do jeito que merece. — Contudo, não conseguiu manter o ar de indiferença por muito tempo e logo ficou vulnerável. — Não sei que idéia faz de mim, Sr. Kilbane, mas saiba que dói muito ver alguém ter uma opinião tão ruim a nosso respeito!

— Meu Deus! Então foi por isso que saiu daquela maneira?

— E o senhor acha pouco?

No entanto, Jennifer já sabia que fora longe demais. De súbito, Ryden passou o braço à volta de sua cintura e delicadamente lhe deu um beijo no rosto.

Por um segundo ela perdeu a noção de onde estava. Em seguida, caiu em si e o empurrou.

— Pensa que isso resolve tudo? Agora, por favor, me leva para casa. Tenho mil coisas para fazer, eu...

Ele se irritou.

— Escute aqui, srta. Cavendish! Passei dias, dias não, semanas, sem saber o que fazer. Portanto, não pense que só porque está nervosa vai poder evitar esta conversa.

— Não estou entendendo — balbuciou ela, dividida entre o medo de revelar seus sentimentos e a curiosidade de saber o que perturbara aquele homem, sempre tão auto-suficiente, a ponto de fazê-lo passar os mais tenebrosos dias de sua vida.

— Há muitas coisas que também não entendo. Para começar, depois de ter conversado com meu irmão e ter formado uma péssima opinião a respeito da mulher que tão cruelmente o havia rejeitado, conheço você, que não corresponde nem um pouco àquela imagem.

— No apartamento, tentei lhe contar que não era Gypsy.

— Agora eu sei. Deus, como pôde suportar a maneira como a tratei naqueles dias? Fui um estúpido.

Acostumada ao tom ríspido de Ryden, Jennifer estranhou e quase sorriu ao confessar:

— Houve momentos em que, se não fosse perder o equilíbrio por causa do joelho machucado, teria lhe dado um soco na cara!

— Mostrou-se tão corajosa e tudo que fiz foi maltratá-la.

Ele estava sendo tão gentil que algo disse a Jennifer que se continuasse naquele ritmo, logo estaria totalmente indefesa. Tratou de se prevenir.

— Se era isso que queria me dizer, Ryden, tudo bem. Tenho que ir andando antes

que as lojas fechem...

— Alguém já lhe disse que é muito teimosa?

Jennifer percebeu que ele estava mesmo determinado a ter a tal conversa e decidiu não forçar mais a situação.

— Está bem — suspirou —, fale, então.

— Como eu dizia... quando a conheci e vi que não era como eu imaginava, achei que fingisse ou coisa parecida. Então, depois de uns dois ou três acontecimentos isolados que não se encaixavam no quebra-cabeça, concluí que Jennifer Cavendish e a namorada de Noel, Gypsy, eram duas pessoas diferentes.

Ela continuou calada, mas quase não podia conter a emoção de saber que Ryden procurara descobrir sua verdadeira identidade. Embora pensasse que as palavras que ouvira em Broadhurst Hall tivessem destruído o amor que sentia por ele, percebeu que o sentimento está mais vivo do que nunca.

Ele seguia contando:

— Entretanto... — parou de repente. Curiosa, Jennifer olhou para ele e quase perdeu o fôlego ante a intensidade com que aqueles olhos cinzentos a fitavam. — Entretanto, foi só na terça-feira que tudo se esclareceu... quando telefonei para a Laffard.

Por alguns segundos, perplexa, ela não disse nada, mas, quando se recobrou, a reação foi de raiva.

— Teve a coragem de ligar para o meu trabalho, para tomar informações a meu respeito?! — Indignada, imaginou como estaria sendo motivo de fofoca nos últimos dias, principalmente se ele tivesse feito perguntas indiscretas à telefonista, que era muito faladeira. — Com quem falou?

Contudo, para desgraça dela, foi pior do que pensava.

— Uma pessoa que se apresentou como Samuel Beckwith. Lembrei-me do nome, quando você mesma mencionou a caminho de Broadhurst, dizendo como seu chefe se mostrou satisfeito com seu serviço, pedindo-lhe para ficar mais uma semana.

Jennifer ficou vermelha, ao saber que desde aquele momento Ryden descobrira que ela mentia descaradamente. Se havia falado com Beckwith, na certa também tinha descoberto que o emprego na Laffard não era temporário.

— Com que direito liga para o meu chefe, para fazer perguntar sobre mim? — perguntou com raiva.

— Pelo que me consta, não perguntei nada, ao contrário, ele foi muito gentil em me passar informações a seu respeito.

— Mentira! Ninguém atende o telefone e simplesmente começa a falar da secretária para um desconhecido.

Ao terminar a frase, se deu conta de ter deixado escapar o cargo que ocupava no escritório e ficou mais furiosa ainda ao ver que ele tentava controlar um sorriso.

— Nisso você tem razão. Na verdade, telefonei com o propósito de adquirir algumas porcelanas para os escritórios da Kilbane Electronics. Achei que uns detalhes alegrariam o ambiente.

Jennifer sabia que ele não tinha necessidade de fazer o pedido pessoalmente.

— No entanto, o homem que atendeu o telefone mal esperou que eu dissesse meu nome e pedisse o catálogo de amostras. Foi logo se apresentando como dono da companhia, afirmando que tinha sido uma feliz coincidência estar no departamento de vendas e poder responder a uma ligação tão importante. Então, me perguntou quem me havia posto em contato com eles.

Jennifer logo imaginou o que acontecera: o Sr. Beckwith, sempre bem informado sobre o mundo dos negócios, tinha reconhecido o nome da Kilbane Electronics como uma das principais no ramo da informática e havia ficado lisonjeada pelo fato de o presidente, em pessoa, ter escolhido a Laffard entre tantas outras fábricas de porcelanas. Não era de se estranhar que estivesse com aquela expressão ao voltar do departamento de vendas. Estava explicado também o modo como a olhara durante o resto da semana.

— Disse que fui eu quem indicou a Laffard?

— Só mencionei que conhecia a srta. Cavendish, que deveria estar fazendo um trabalho temporário em alguma seção da firma.

— Eh, bem... o que ele respondeu?

— Disse que você não só trabalhava lá desde que se formou, como também era o braço direito dele.

— Você deve ter ficado surpreso.

— De início, não acreditei, mas logo percebi que falávamos da mesma pessoa.

— Como assim?

— Ele me contou como tinha ficado desesperado durante suas férias e que ficara horrorizado com a perspectiva de passar mais algumas semanas sem a eficiente secretária, quando esta lhe telefonou no domingo, dizendo que havia torcido o joelho e não podia dirigir.

— Tem sido um amor em vir me buscar todos os dias, nesta semana. — Ela fez menção de explicar, mas Ryden assentiu com um gesto de cabeça como se já soubesse

de tudo.

— Ele o fez de bom grado. — Ele parou um pouco e depois continuou: — Então, atônito com o que ouvira até ali, me desculpei, dizendo que devia tê-la confundido com outra pessoa, pois se trabalhava lá o dia todo, não podia ser recepcionista de feiras durante a noite.

Jennifer sabia o que estava por vir, pois todas as vezes que precisava sair mais cedo por causa da amiga doente, havia pedido permissão ao Sr. Beckwith.

— Ele me contou como, terminado o expediente no escritório, você corria para casa a fim de servir de enfermeira à pobre senhora com quem vivia desde que sua mãe viajou para o exterior. E que, ocupada como estava, cuidando da companheira, não lhe sobrava um minuto livre para passear, quanto mais para trabalhar em feiras.

— Ela morreu no início de maio. — O semblante de Jennifer tornou-se triste ao se lembrar da amiga.

— E você se mudou logo que os parentes interesseiros apareceram.

— É verdade. — Jennifer tossiu para disfarçar a emoção contida na voz. — Tive sorte em encontrar o chalé. Como só dá para uma pessoa, ainda não havia sido alugado.

— O que explica o fato de morar sozinha...

— Ah! Este foi o primeiro detalhe que o confundiu?

— Não dei muita importância na época, porque estava cego de tanta raiva.

— Não precisa me poupar, Ryden, pode dizer tudo.

— Oh, Jennifer, Jennifer, não faz idéia...

Achou que imaginava coisas, ao ouvir seu nome pronunciado com tanta emoção, em um tom tão meigo...

— Faço idéia sim. Você me seguiu só porque seus planos de me confrontar com Noel foram por água abaixo, quando fugi.

— Vim atrás de você porque fiquei aterrorizado, pensando que pudesse se matar...

— Antes que pudesse fazê-lo com suas próprias mãos, não é? — De repente, ela se deu conta das palavras que Ryden tinha usado. — Ficou aterrorizado?!

Ryden aquiesceu com um gesto de cabeça e pareceu não encontrar as palavras para continuar. Ela se surpreendeu ao vê-lo em tal situação, pois, desde que o conheceu, nunca o tinha visto titubear.

— Droga! Você está me deixando louco! — explodiu ele inesperadamente.

Pela primeira vez, Jennifer não revidou. Percebia outra emoção escondida sob a reação de revolta. Porém, não podia acreditar no que seu íntimo lhe dizia.

— Não entendo onde você quer chegar. — Engoliu em seco, ao ver que as mãos dele tremiam, segurando a direção.

Com uma expressão tensa, Ryden ficou mais irritado consigo mesmo e com a falta de percepção de Jennifer.

— Sabe muito bem que eu odiava a tal Gypsy, antes mesmo de conhecê-la.

— É... percebi logo.

— O que não sabe é que travei uma luta dentro de mim ao perceber que estava me apaixonando pela linda loira de olhos verdes que encontrei em meu apartamento.

— É verdade? Por que não me disse isso, enquanto estávamos lá, a sós?

— Não podia. Precisei agir daquela maneira para me defender dos meus sentimentos. O que mais poderia fazer? Nunca vi Noel tão desesperado quanto no dia em que me contou a forma cruel como Gypsy rejeitou sua proposta de casamento. Sabia que ele a amava. E no começo, pensei que você fosse ela.

— Então, simplesmente porque lhe disse que Noel deixou a chave do apartamento em minha casa, deduziu que eu era Gypsy e passou a me odiar?

Para frustração de Jennifer, ele concordou com um gesto de cabeça.

— Mas, na manhã seguinte, descobri que não a odiava como gostaria.

— Foi quando viu que eu estava machucada?

— Fiquei furioso com o acidente, mas achei que era um castigo merecido para quem havia feito meu irmão sofrer. Entretanto, quando perguntei se estava doendo muito e respondeu que sim, percebi que não me sentia tão satisfeito com isso o quando deveria. Na verdade, não suportava vê-la sofrer.

— Oh... — murmurou Jennifer, temendo que logo não agüentaria ficar ali sem tocá-lo.

— Em pouco tempo você despertou em mim um desejo incontrolável, contra o qual lutei com todas as minhas forças, pensando no quanto Noel ficaria magoado ao saber que eu possuía a mulher que ele amava.

— Em todo o caso, era apenas atração física. Isso acontece quando um homem e uma mulher têm uma convivência muito próxima.

— Foi o que disse a mim mesmo. Mas logo percebi que era mais do que isso. Só que...

— Não, por favor, não continue. — Jennifer entrou em pânico.

— Está com medo, Jennifer?

Ela se virou para a janela, armou-se de defesas e mudou de assunto para evitar

mais perguntas difíceis de responder.

— Quero ir para casa. — Passaram-se segundos que pareciam uma eternidade, quando sentiu Ryden tocar-lhe gentilmente o ombro.

— Não precisa sentir medo.

— Não estou sentindo. — Desvencilhou-se rápida.

— Então, por que quer fugir dessa maneira? Nunca a vi agir assim, exceto agora pouco em Broadhurst Hall.

Achando que já havia falado demais, ela fez um gesto de cabeça, indicando que não diria mais nem uma palavra e esperou que a levasse para casa.

Entretanto, Ryden a segurou com força, virando-a para si. Embora não quisesse encará-lo, não reagiu quando ele lhe ergueu o rosto.

Seus olhos se encontraram:

— Será, minha doce Jennifer, que o sentimento que percebi existir em mim quando morri de ciúme, ao vê-la de mãos dadas com meu irmão na sala, pode ser recíproco?

Um calafrio a percorreu, dando-lhe vontade de fugir. O instinto de defesa a advertia, mas ela não resistiu:

— Que... que sentimento era esse? — Arrependeu-se de ter perguntado, ao notar que o rosto dele assumia um ar sério. Esperou a decepção.

— Eu te amo, Jennifer.

— Você me?... — ela não conseguiu completar, pois as palavras, recusavam-se a sair.

— Não quer parar de me fazer sofrer? — Ryden olhou no fundo dos olhos verdes, esperando que ela tivesse compreendido a mensagem. — A única razão pela qual não admitia a idéia de vê-la casada com meu irmão é porque queria que se casasse comigo.

Jennifer ficou sem fôlego e precisou se beliscar para ter certeza de que não sonhava.

De repente, começou a enxergar e percebeu que Ryden esperava tenso pela resposta.

— Quero me casar com você!

Ryden não a deixou terminar, abraçou-a com força e suspirou.

— Oh, Deus! Nunca mais quero passar por isso. — E como se não acreditasse no que acabara de ouvir, afastou-se para poder olhá-la. — Disse que aceita? Casa comigo?

— Oh, sim, querido.

— Mesmo depois do que lhe fiz, ainda me ama?

— E você?

— Amo tanto que sou capaz de enlouquecer!

Ela sorriu aliviada, antes que se beijassem com ternura. — Eu também te amo, querido — murmurou, sentindo os lábios dele a acariciar seu rosto.

Cada beijo, cada carícia, parecia atenuar a solidão que carregavam dentro de si e, quando se olharam novamente, a dor de tantos momentos aflitivos já não existia mais.

— Se estou sonhando, não me deixe acordar, Ryden.

— Passou pelos mesmos instantes de dúvida que eu, não é, meu amor?

— Sempre o amei, mas pensei que você me odiasse.

Ryden beijou-lhe suavemente as pálpebras e a apertou contra o peito como que para protegê-la.

— Nunca mais te farei sofrer, Jennifer.

— Você foi cruel...

— Não me lembre, por favor. Na verdade, acho que agredia a mim mesmo.

— Ficou furioso quando lhe disse que não morava com nenhuma colega.

— Estava inconformado por não ser capaz de deixá-la sozinha, embora achasse que era isso que merecia.

Jennifer suspirou e lhe deu outro beijo.

— Levei-a para casa, determinado a pô-la na rua caso magoasse meus pais. Então você se tornou um enigma para mim.

— Só por que não os maltratei?

— Foi perfeita com eles. Poderia ter me poupado o trabalho de tentar compreendê-la, se soubesse que estava agindo naturalmente, estava apenas sendo você mesma. Não é à toa que ficaram encantados com a minha doce Jennifer.

— Creio que sua mãe já sabe que estou apaixonada por você — Jennifer confessou um tanto envergonhada.

— Sabe?!

— Acho que percebeu minha alegria ao vê-lo voltar inesperadamente, naquela segunda-feira.

— Ao ver que me cumprimentava com um sorriso, não pensei que fosse amor, mas não sabe como fiquei feliz. A esperança brotou dentro de mim.

— Me conte tudo, Ryden.

— Daquele dia em diante, achei que existia uma chance de conquistá-la, mas tinha

medo de magoar Noel. Entretanto, tudo piorou para mim naquela mesma noite. Fiquei confuso ao ver que ignorava minha presença.

— Lembro-me de quando disse que não me deixaria sair de Broadhurst sem sua permissão.

— E só para me contrariar, quando voltei na noite seguinte, já havia partido.

— Chegou a me telefonar duas vezes depois disso, Ryden.

— Gostaria de não tê-lo feito. Quase fiquei louco ao imaginá-la na cama com meu irmão. Decidi que o único jeito era seguir o conselho que havia dado a Noel e tirá-la da minha cabeça. Só que não foi assim tão fácil.

— A culpa foi minha, por ter ligado para saber do carro.

— Mesmo sem telefonar, você me perseguia dia e noite, e eu mal conseguia dormir. Comecei a ficar intrigado quando eu e Noel fomos à sua casa no dia seguinte e ele mostrou que não conhecia você tão bem quanto deveria.

— Ah, então notou o lapso dele ao perguntar do açúcar no café?

Ryden sorriu.

— Você disfarçou muito bem, mas, como não me saísse da cabeça, comecei a considerar este e outros fatos que não se encaixavam. Perguntei a mim mesmo se Noel freqüentava tanto sua casa, pois como não havia percebido que não tinha geladeira?

— Na certa, achou que se eu fosse Gypsy, já teria pedido que lhe desse uma.

— Lógico. Passei todo o fim de semana relembrando pequenos detalhes. O fato de Noel ter me dito que morava com uma colega em um apartamento, contradizia o que eu havia constatado: você morava sozinha em um chalé.

— Conseguiu encontrar a explicação?

— Não. Precisei me segurar para não fazer estas perguntas a Noel.

— Em vez disso, teve a feliz idéia de ligar para Laffard?

— Isso mesmo. Só que nem me passava pela cabeça que fosse ouvir o que ouvi. No fundo, liguei porque estava com saudade e queria me sentir perto de você. Imagine como não fiquei surpreso ao saber que havia sido enganado...

— Ficou furioso?

— Furioso? Fiquei tão perplexo que nem sei como tive a presença de espírito de pedir ao Sr. Beckwith que não lhe contasse nada sobre o telefonema, alegando que podia ficar chateada se soubesse que a havia confundido com outra pessoa. Quando ele desligou, ainda permaneci alguns segundos com o fone na mão, estupefato.

— O que fez então?

— Estava feliz com a possibilidade de não ser a namorada de Noel e ao mesmo tempo com raiva de vocês dois. Aí, decidi recapitular toda a história.

— E a que conclusão chegou?

— Achei que a única saída era confrontar vocês dois, pois não queria ser enganado de novo. Não podia acreditar que amasse Noel, depois de constatar por duas vezes a atração que sentíamos um pelo outro e de me lembrar da maneira como você me olhou aquele dia, no jardim.

Jennifer levantou o rosto e se beijaram. Desta vez, com paixão, para saciar a sede de amor, há tanto tempo reprimida. Começaram a se desejar e Ryden se afastou, tentando esfriar os ânimos.

— Creio que ainda não está bem recuperada para tal extravagância dentro do carro.

— A culpa é sua. — Ela riu.

— Parece que já ouvi isso antes... Está pronta para me contar o que meu irmão significa para você?

— Espero que se torne meu cunhado, mas, no momento, não passa de alguém que conheci na manhã de uma segunda-feira, e que ia viajar naquele dia para Paris, a fim de participar de uma feira de informática.

— Não conhecia Noel até então?

— Nunca o tinha visto antes.

— Isso foi depois de Gypsy ter recusado o pedido, não?

— Na verdade, foi logo depois. Encontrei-o no carro, após ter afogado as mágoas em uma garrafa de uísque e saído da estrada. Infelizmente, foi um pouco descuidado e destruiu todo o jardim da bem cuidada praça de Stanton Verney.

— Lembro-me de meu pai dizer que leu algo no jornal sobre isso.

— Naquela manhã, saí cedo para correr e vi o que tinha acontecido. Para ser sincera, quase o deixei lá.

— E por que não deixou?

— Tive um exemplo de solidariedade na sexta-feira anterior, quando meu carro quebrou e, além do mais, Noel não se encontrava em condições de dirigir. Resolvi levá-lo para minha casa até que se recuperasse.

— Ele estava desmaiado?

— Estava, e havia uma garrafa de uísque vazia no banco do passageiro. Quando voltou a si, contou-me da discussão que tivera com Gypsy e eu devo ter mencionado

minhas férias, o gasto de minhas economias com o conserto do carro, essas coisas...

— Continue, por favor.

— Foi então que Noel me propôs que eu fosse passar uns dias no apartamento em Londres, mas recusei. Quando partiu, encontrei a chave acompanhada de um bilhete, pedindo que eu aceitasse. Dois dias depois, mudei de idéia e resolvi usá-la.

— Meu Deus! Pensar que foi generosa com meu irmão e tentei pô-la na rua...

— Você não podia adivinhar, Ryden — Jennifer falou, compreensiva.

— Deveria ter sido menos cabeça dura, deixando que me contasse.

— Era eu quem deveria insistir... Já tinha decidido a fazê-lo em Broadhurst, quando descobri que havia me apaixonado por você. Ia contar-lhe tudo, quando chegasse do passeio com seu pai. Entretanto, quando voltou, Noel já estava lá.

— E o que te impedia de me contar toda a verdade?

— A princípio, ele mesmo pretendia esclarecer o engano. Contudo, havia telefonado para Gypsy de Paris e tinham marcado um encontro. Ao saber da forma como você vinha me tratando, pensando que eu fosse ela, ficou com medo de que estragasse tudo. Eu tinha acabado de prometer segredo quando entrou com seu pai.

— Venha cá — Ryden apertou-a forte contra o coração. — Me perdoe por tê-la feito sofrer.

Por alguns minutos, ficaram em silêncio, apenas abraçados. Depois Ryden procurou-lhe os lábios.

— Tenho vontade de dizer ao mundo que você é minha.

— Acho uma excelente idéia.

— Apesar de ser um pouco tarde para o café, acredito que sua futura sogra vai ficar feliz em vê-la.

Quando Ryden manobrou o automóvel, Jennifer transbordava de felicidade.

— E o carro de Noel? Quer que eu vá dirigindo?

Segurando o volante com uma só mão, abraçou-a.

— A partir de agora, não quero me separar de você nunca mais.

Jennifer suspirou satisfeita, pois era isso o que também desejava.

Fim

Livros Corações

